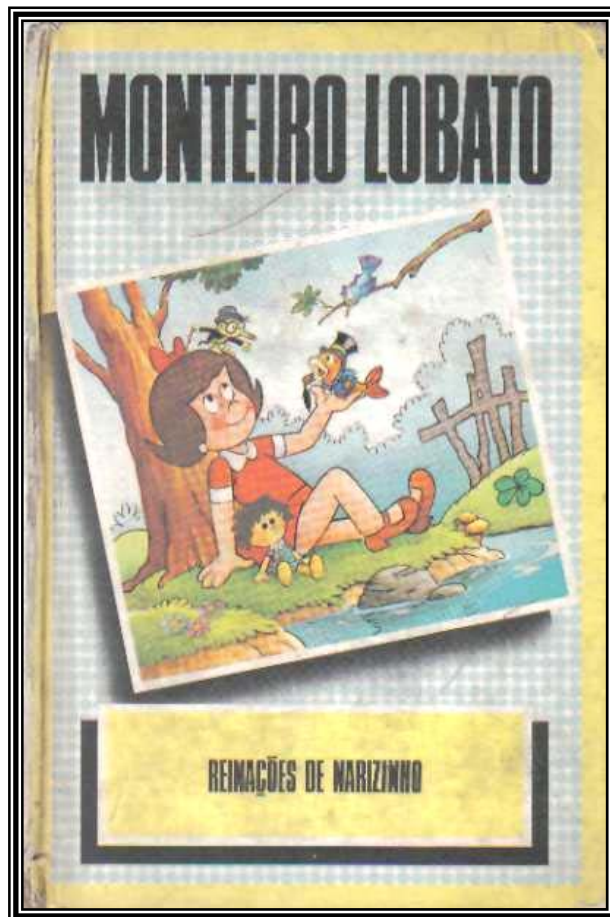


Monteiro Lobato

REINAÇÕES DE NARIZINHO



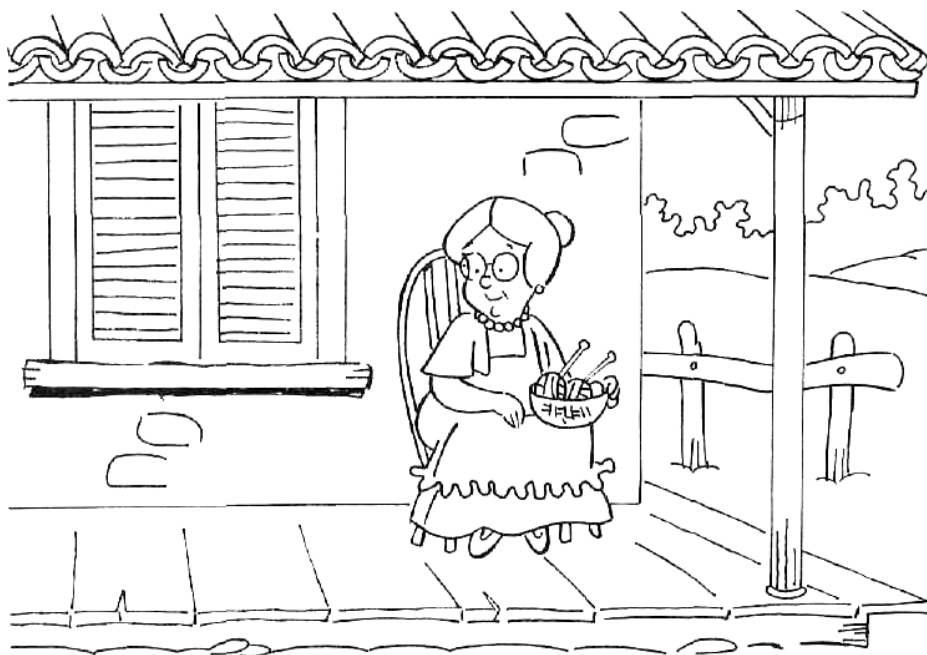
Edição Integral e Ilustrada

Digitalização e Revisão

Arlindo_San

Narizinho Arrebitado

I - Narizinho



Numa casinha branca, lá no sítio do Pica-pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

— Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas — Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem.

Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.

Na casa ainda existem duas pessoas — tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira.

Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras de limo, que Lúcia chama as “*tias Nastácias do rio*”.

Todas as tardes Lúcia toma a boneca e vai passear à beira d'água, onde se senta na raiz dum velho ingazeiro para dar farelo de pão aos lambaris.

Não há peixe do rio que a não conheça; assim que ela aparece, todos acodem numa grande *famintez*a. Os mais miúdos chegam pertinho; os graúdos parece que desconfiam da boneca, pois ficam ressabiados, a espiar de longe. E nesse divertimento leva a menina horas, até que tia Nastácia apareça no portão do pomar e grite na sua voz sossegada:

— Narizinho, vovó está chamando!...

II - Uma vez...

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz.

Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão — a maior das galantezas! O peixinho olhava para o nariz de Narizinho com rugas na testa, como quem não está entendendo nada do que vê.

A menina reteve o fôlego de medo de o assustar, assim ficando até que sentiu cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. Mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengala.

Lúcia imobilizou-se ainda mais, tão interessada estava achando aquilo.

Ao ver o peixinho, o besouro tirou o chapéu, respeitosamente.

— Muito boas tardes, senhor príncipe! — disse ele.

— Viva, mestre Cascudo! — foi a resposta.

— Que novidade traz Vossa Alteza por aqui, príncipe?

— É que lasquei duas escamas do filé e o doutor Caramujo me receitou ares do campo. Vim tomar o remédio neste prado que é muito meu conhecido, mas encontrei cá este morro que me parece estranho — e o príncipe bateu com a biqueira do guarda-chuva na ponta do nariz de Narizinho e disse:

— Creio que é de mármore — observou.

Os besouros são muito entendidos em questões de terra, pois vivem a cavar buracos. Mesmo assim aquele besourinho de sobrecasaca não foi capaz de adivinhar que qualidade de “terra” era aquela. Abaixou-se, ajeitou os óculos no bico, examinou o nariz de Narizinho e disse:

— Muito mole para ser mármore. Parece antes requeijão.

— Muito moreno para ser requeijão. Parece antes rapadura — voltou o príncipe.

O besouro provou a tal terra com a ponta da língua.

— Muito salgada para ser rapadura. Parece antes...

Mas não concluiu, porque o príncipe o havia largado para ir examinar as sobranceiras.

— Serão barbatanas, mestre Cascudo? Venha ver. Por que não leva algumas para os seus meninos brincarem de chicote?

O besouro gostou da idéia e veio colher as barbatanas. Cada fio que arrancava era uma dorzinha aguda que a menina sentia — e bem vontade teve ela de o espantar dali com uma careta! Mas tudo suportou, curiosa de ver em que daria aquilo.

Deixando o besouro às voltas com as barbatanas, o peixinho foi examinar as ventas.

— Que belas tocas para uma família de besouros! — exclamou.

— Por que não se muda para aqui, mestre Cascudo? Sua esposa havia de gostar desta repartição de cômodos.

O besouro, com o feixe de barbatanas debaixo do braço, lá foi examinar as tocas. Mediu a altura com a bengala.

— Realmente, são ótimas — disse ele. — Só receio que more aqui dentro alguma fera peluda.

E para certificar-se cutucou bem lá no fundo.

— Hu! Hu! Sai fora, bicho imundo!...

Não saiu fera nenhuma, mas como a bengala fizesse cócegas no nariz de Lúcia, o que saiu foi um formidável espirro — *Atchim!*... e os dois bichinhos, pegados de surpresa, reviraram de pernas para o ar, caindo um grande tombo no chão.

— Eu não disse? — exclamou o besouro, levantando-se e escovando com a manga a cartolinha suja de terra. — É, sim, ninho de fera, e de fera espirradeira! Vou-me embora. Não quero negócios com essa gente. Até logo, príncipe! Faço votos para que sare e seja muito feliz.

E lá se foi, zumbindo que nem um avião. O peixinho, porém, que era muito valente, permaneceu firme, cada vez mais intrigado com a tal montanha que espirrava. Por fim a menina teve dó dele e resolveu esclarecer todo o mistério. Sentou-se de súbito e disse:

— Não sou montanha nenhuma, peixinho. Sou Lúcia, a menina que todos os dias vem dar comida a vocês. Não me reconhece?

— Era impossível reconhecê-la, menina. Vista de dentro d'água parece muito diferente...

— Posso parecer, mas garanto que sou a mesma. Esta senhora aqui é a minha amiga Emília.

O peixinho saudou respeitosamente a boneca, e em seguida apresentou-se como o príncipe Escamado, rei do reino das Águas Claras.

— Príncipe e rei ao mesmo tempo! — exclamou a menina batendo palmas. — Que bom, que bom, que bom! Sempre tive vontade de conhecer um príncipe-rei.

Conversaram longo tempo, e por fim o príncipe convidou-a para uma visita ao seu reino. Narizinho ficou no maior dos assanhamentos.

— Pois vamos e já — gritou — antes que tia Nastácia me chame.

E lá se foram os dois de braços dados, como velhos amigos. A boneca seguia atrás sem dizer palavra.

— Parece que dona Emília está emburrada — observou o príncipe.

— Não é burro, não, príncipe. A pobre é muda de nascença. Ando à procura de um bom doutor que a cure.

— Há um excelente na corte, o célebre doutor Caramujo. Emprega umas pílulas que curam todas as doenças, menos a gosma dele. Tenho a certeza de que o doutor Caramujo põe a senhora Emília a falar pelos cotovelos.

E ainda estavam discutindo os milagres das famosas pílulas quando chegaram a certa gruta que Narizinho jamais havia visto naquele ponto. Que coisa estranha! A paisagem estava outra.

— É aqui a entrada do meu reino — disse o príncipe. Narizinho espiou, com medo de entrar.

— Muito escura, príncipe. Emília é uma grande medrosa.

A resposta do peixinho foi tirar do bolso um vaga-lume de cabo de arame, que lhe servia de lanterna viva. A gruta clareou até longe e a “boneca” perdeu o medo. Entraram.

Pelo caminho foram saudados com grandes marcas de respeito, por várias corujas e numerosíssimos morcegos. Minutos depois chegavam ao portão do reino. A menina abriu a boca, admirada.

— Quem construiu este maravilhoso portão de coral, príncipe?

É tão bonito que até parece um sonho.

— Foram os Pólipos, os pedreiros mais trabalhadores e incansáveis do mar. Também meu palácio foi construído por eles, todo de coral rosa e branco.

Narizinho ainda estava de boca aberta quando o príncipe notou que o portão não fora fechado naquele dia.

— É a segunda vez que isto acontece — observou ele com cara feia. — Aposto que o guarda está dormindo.

Entrando, verificou que era assim. O guarda dormia um sono roncado. Esse guarda não passava dum sapão muito feio, que tinha o posto de major no exército marinho. *Major Agarra-e-não-larga-mais*.

Recebia como ordenado cem moscas por dia para que ali ficasse, de lança em punho, capacete na cabeça e a espada à cinta, sapeando a entrada do palácio. O Major, porém, tinha o vício de dormir fora de horas, e pela segunda vez fora apanhado em falta.

O príncipe ajeitou-se para acordá-lo com um pontapé na barriga, mas a menina interveio.

— Espere príncipe! Eu tenho uma idéia muito boa. Vamos vestir este sapo de mulher, para ver a cara dele quando acordar.

E sem esperar resposta, foi tirando a saia da Emília e vestindo-a, muito devagarinho, no dorminhoco. Pôs-lhe também a touca da boneca em lugar do capacete, e o guarda-chuva do príncipe em lugar de lança. Depois o deixou assim transformado numa perfeita velha coroca, disse ao príncipe:

— Pode chutar agora.

O príncipe, zás!... pregou-lhe um valente pontapé na barriga.

— Hum!... — gemeu o sapo, abrindo os olhos, ainda cego de sono.

O príncipe engrossou a voz e ralhou:

— Bela coisa. Major! Dormindo como um porco e ainda por cima vestido de velha coroca... Que significa isto?

O sapo, sem compreender coisa nenhuma, mirou-se apatetadamente num espelho que havia por ali. E botou a culpa no pobre espelho.

— É mentira dele, príncipe! Não acredite. Nunca fui assim...

— Você de fato nunca foi assim — explicou Narizinho. — Mas, como dormiu escandalosamente durante o serviço, a fada do sono o virou em velha coroca. Bem feito...

— E por castigo — ajuntou o príncipe — está condenado a engolir cem pedrinhas redondas, em vez das cem moscas do nosso trato.

O triste sapo derrubou um grande beijo, indo, muito jururu, encorujar-se a um canto.

III - No palácio

O príncipe consultou o relógio.

— Estou na hora da audiência — murmurou. — Vamos depressa, que tenho muitos casos a atender.

Lá se foram. Entraram diretamente para a sala do trono, no qual a menina se sentou a seu lado, como se fosse uma princesa. Linda sala! Toda dum coral cor de leite, franjadinho como musgo e penduradinho de pingentes de pérola, que tremiam ao menor sopro.

O chão, de nácar furta-cor, era tão liso que Emília escorregou três vezes.

O príncipe deu o sinal de audiência batendo com uma grande pérola negra numa concha sonora. O mordomo introduziu os primeiros queixosos. Um bando de moluscos nus que tiritavam de frio. Vinham queixar-se dos Bernardos Eremitas.

— Quem são esses Bernardos? — indagou a menina.

— São uns caranguejos que têm o mau costume de se apropriarem das conchas destes pobres moluscos, deixando-os em carne viva no mar. Os piores ladrões que temos aqui.

O príncipe resolveu o caso mandando dar uma concha nova a cada molusco.

Depois apareceu uma ostra a se queixar dum caranguejo que lhe havia furtado a pérola.

— Era uma pérola ainda novinha e tão galante! — disse a ostra, enxugando as lágrimas. — Ele raptou-a só de mau, porque os caranguejos não se alimentam de pérolas, nem as usam como jóias. Com certeza já a largou por aí nas areias...

O príncipe resolveu o caso mandando dar à ostra uma pérola nova do mesmo tamanho.

Nisto surgiu na sala, muito apressada e aflita, uma baratinha de mantilha, que foi abrindo caminho por entre os bichos até alcançar o príncipe.

— A senhora por aqui? — exclamou este, admirado. — Que deseja?

— Ando atrás do Pequeno Polegar — respondeu a velha. — Há duas semanas que fugiu do livro onde mora e não o encontro em parte nenhuma. Já percorri todos os reinos encantados sem descobrir o menor sinal dele.

— Quem é esta velha? — perguntou a menina ao ouvido do príncipe. — Parece que a conheço...

— Com certeza, pois não há menina que não conheça a célebre Dona Carochinha das histórias, a baratinha mais famosa do mundo.

E voltando-se para a velha:

— Ignoro se o Pequeno Polegar anda aqui pelo meu reino. Não o vi, nem tive notícias dele, mas a senhora pode procurá-lo. Não faça cerimônia...

— Por que ele fugiu? — indagou a menina.

— Não sei — respondeu dona Carochinha — mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam em correr mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladino queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. Branca de Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar ruge na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalhão para contê-los. Mas o pior é que ameaçam fugir, e o Pequeno Polegar já deu o exemplo.

Narizinho gostou tanto daquela revolta que chegou a bater palmas de alegria, na esperança de ainda encontrar pelo seu caminho algum daqueles queridos personagens.

— Tudo isso — continuou dona Carochinha — por causa do Pinóquio, do Gato Félix e sobretudo de uma tal menina do narizinho arrebitado que todos desejam muito conhecer. Ando até desconfiada que foi essa diabinha quem desencaminhou Polegar, aconselhando-o a fugir.

O coração de Narizinho bateu apressado.

— Mas a senhora conhece essa tal menina? — perguntou, tapando o nariz com medo de ser reconhecida.

— Não a conheço — respondeu a velha — mas sei que mora numa casinha branca, em companhia de duas velhas corocas.

Ah, por que foi dizer aquilo? Ouvindo chamar dona Benta de velha coroca, Narizinho perdeu as estribeiras.

— Dobre a língua! — gritou vermelha de cólera. — Velha coroca é vosmecê, e tão implicante que ninguém mais quer saber das suas histórias emboloradas. A menina do narizinho arrebitado sou eu, mas fique sabendo que é mentira que eu haja desencaminhado o Pequeno Polegar, aconselhando-o a fugir. Nunca tive essa “bela idéia”, mas agora vou aconselhá-lo, a ele e a todos os mais, a fugirem dos seus livros bolorentos, sabe?

A velha, furiosa, ameaçou-a de lhe desarrebitar o nariz da primeira vez em que a encontrasse sozinha.

— E eu arrebitarei o seu, está ouvindo? Chamar vovó de coroca! Que desaforo!...

Dona Carochinha botou-lhe a língua. uma língua muito magra e seca. e retirou-se furiosa da vida, a resmungar que nem uma negra beicuda.

O príncipe respirou de alívio ao ver o incidente terminado.

Depois encerrou a audiência e disse ao primeiro-ministro:

— Mande convite a todos os nobres da corte para a grande festa que vou dar amanhã em honra à nossa distinta visitante. E diga a mestre Camarão que ponha o coche de gala para um passeio pelo fundo do mar. Já.

IV - O bobinho

O passeio que Narizinho deu com o príncipe foi o mais belo de toda a sua vida. O coche de gala corria por sobre a areia alvíssima do fundo do mar conduzido por mestre Camarão e tirado por seis parelhas de hipocampos, uns bichinhos com cabeça de cavalo e cauda de peixe. Em vez de pingalim, o cocheiro usava os fios de sua própria barba para chicoteá-los.

— lept! lept!...

Que lindos lugares ela viu! Florestas de coral, bosques de esponjas vivas, campos de algas das formas mais estranhas. Conchas de todos os jeitos e cores. Polvos, enguias, ouriços — milhares de criaturas marinhas tão estranhas que até pareciam mentiras do barão de Munchausen.

Em certo ponto Narizinho encontrou uma baleia dando de mamar a várias baleinhas novas. Teve a idéia de levar para o sítio uma garrafa de leite de baleia, só para ver a cara de espanto que dona Benta e tia Nastácia fariam. Mas logo desistiu, pensando: “Não vale a pena. Elas não acreditam mesmo...”

Nisto apareceu ao longe um formidável espadarte. Vinha com o seu comprido esporão de pontaria feita para o cetáceo, que é como os sábios chamam a baleia. O príncipe assustou-se.

— Lá vem o malvado! — disse ele. — Esses monstros divertem-se em espetar as pobres baleias como se elas fossem almofadinhas de alfinetes. Vamo-nos embora, que a luta vai ser medonha.

Recebendo ordem de voltar, o Camarão estalou as barbas e pôs os “cabecinhas de cavalo” no galope.

De volta ao palácio o príncipe deixou a menina e a boneca na gruta dos seus tesouros, indo cuidar dos preparativos da festa.

Narizinho pôs-se a mexer em tudo... Quantas maravilhas! Pérolas enormes aos montes. Muitas, ainda na concha, punham as cabecinhas de fora, espiavam a menina e escondiam-se outra vez. De medo da Emília. Caramujos, então, era um nunca se acabar. de todos os jeitos possíveis e imagináveis. E conchas! Quantas, Deus do céu!



Narizinho teria ficado ali a vida inteira, examinando uma por uma todas aquelas jóias, se um peixinho de rabo vermelho não viesse da parte do príncipe dizer que o jantar estava na mesa.

Foi correndo e achou a sala de jantar ainda mais bonita que a sala do trono. Sentou-se ao lado do príncipe e gabou muito a arrumação da mesa.

— Artes das senhoras sardinhas — disse ele. — São as melhores arrumadeiras do reino.

A menina pensou consigo: “Não é à toa que sabem arrumar-se tão direitinhas dentro das latas...”

Vieram os primeiros pratos — costeletas de camarão, filés de marisco, omeletes de ovos de beija-flor, lingüiça de minhoca – um petisco de que o príncipe gostava muito.

Enquanto comiam, uma excelente orquestra de cigarras e pernilongos tocava a música do *fium*, regida pelo maestro Tangará, de batuta no bico. Nos intervalos três vaga-lumes de circo fizeram mágicas lindas, entre as quais foi muito apreciada a de comer fogo.

Para lidar com fogo não há como eles.

Encantada com tudo aquilo, Narizinho batia palmas e dava gritos de alegria. Em certo momento o mordomo do palácio entrou e disse umas palavras ao ouvido do príncipe.

— Pois mande-o entrar — respondeu este.

— Quem é? — quis saber a menina.

— Um anãozinho que nos apareceu aqui ontem para contratar-se como bobo da corte. Estamos sem bobo desde que o nosso querido Carlito Pirulito foi devorado pelo peixe-espada.

O candidato ao cargo de bobo da corte entrou conduzido pelo mordomo, e logo saltou para cima da mesa, pondo-se a fazer graças.

Narizinho percebeu incontinenti que o bobinho não passava do Pequeno Polegar, vestido com o clássico saiote de guizos e uma carapuça também de guizos na cabeça. Percebeu mas fingiu não ter desconfiado de nada.

— Como é o seu nome? — perguntou-lhe o príncipe.

— Sou o gigante Fura-Bolos! — respondeu o bobinho sacudindo os guizos.

Polegar não tinha o menor jeito para aquilo. Não sabia fazer caretas engraçadas, nem dizer coisas que fizessem rir. Narizinho teve um grande dó dele e disse-lhe baixinho:

— Apareça lá no sítio de vovó, senhor Fura-Bolos. Tia Nastácia faz bolinhos muitos bons para serem furados. Vá morar comigo, em ar essa vida idiota de bobo da corte. Você não dá para isso.

Nesse momento reapareceu na sala a baratinha de mantilha, de nariz erguido para o ar como quem fareja alguma coisa.

— Achou o fugido? — perguntou-lhe o príncipe.

— Ainda não — respondeu ela — mas aposto que anda por aqui. Estou sentindo o cheirinho dele.

E farejou outra vez o ar com o seu nariz de papagaio seco.

Apesar de ser muito burrinho, o príncipe desconfiou que o tal Fura-Bolos fosse o mesmo Polegar.

— Talvez esteja — disse ele. — Talvez Polegar seja o bobinho que veio oferecer-se para substituir o Carlito Pirulito. Para onde foi? — indagou correndo os olhos em redor. — Estava aqui ainda agora, não faz meio minuto...

Procuraram o bobinho por toda a parte, inutilmente. É que a menina, mal viu entrar na sala a diaba da velha, disfarçadamente o tinha agarrado e enfiado na manga do vestido.

Dona Carochinha remexia por todos os cantos, até dentro das terrinas, sempre resmungona.

— Está aqui, sim. Estou sentindo o cheirinho dele cada vez mais perto. Desta feita não me escapa.

Vendo-a aproximar-se mais e mais, Narizinho perturbou-se. E para disfarçar gritou:

— Dona Carochinha está caducando. Polegar usa as botas de sete léguas e, se esteve aqui, já deve estar na Europa.

A velha deu uma risada gostosa.

— Não vê que não sou boba? Assim que desconfiei que ele andava querendo fugir, fui logo tratando de trancar suas botas na minha gaveta. Polegar fugiu descalço e não me escapa.

— Há de escapar, sim! — gritou Narizinho em tom de desafio.

— Não escapa, não! — retrucou a velha — e não me escapa porque já sei onde está. Está escondido aí na sua manga, ouviu? — e avançou para ela.

Foi um rebuliço na sala. A velha atracou-se com a menina, e certamente que a subjugaria, se a boneca, que estava na mesa ao lado de sua dona, não tivesse tido a bela idéia de arrancar-lhe os óculos e sair correndo com eles.

Dona Carochinha não enxergava nada sem óculos, de modo que ficou a pererecar no meio da sala como cega, enquanto a menina corria a esconder Polegar na gruta dos tesouros, bem lá no fundo de uma concha.

— Fique aqui bem quietinho até que eu volte, recomendou-lhe.

E regressou à sala, muito lampeira da sua façanha.

V - A costureira das fadas

Depois do jantar o príncipe levou Narizinho à casa da melhor costureira do reino. Era uma aranha de Paris, que sabia fazer vestidos lindos, lindos até não poder mais! Ela mesma tecia a fazenda, ela mesma inventava as modas.

— Dona Aranha — disse o príncipe — quero que faça para esta ilustre dama o vestido mais bonito do mundo. Vou dar uma grande festa em sua honra e quero vê-la deslumbrar a corte.

Disse e retirou-se. Dona Aranha tomou da fita métrica e, ajudada por seis aranhinhas muito espertas, principiou a tomar as medidas. Depois teceu, depressa, depressa, uma fazenda cor-de-rosa com estrelinhas douradas, a coisa mais linda que se possa imaginar.

Teceu também peças de fitas e peças de renda e peças de entremeio — até carretéis de linha de seda fabricou.

— Que beleza! — ia exclamando a menina, cada vez mais admirada dos prodígios da costureira. — Conheço muitas aranhas em casa de vovó, mas todas só sabem fazer teias de pegar moscas. Nenhuma é capaz de fazer nem um paninho de avental...

— É que tenho mil anos de idade — explicou dona Aranha, — e sou a costureira mais velha do mundo. Aprendi a fazer todas as coisas. Já trabalhei durante muito tempo no reino das fadas; fui quem fez o vestido de baile de Cinderela e quase todos os vestidos de casamento de quase todas as meninas que se casaram com príncipes encantados.

— E para Branca de Neve também costurou?

— Como não? Pois foi justamente quando eu estava tecendo o véu de noiva de Branca que fiquei aleijada. A tesoura caiu-me sobre o pé esquerdo, rachando o osso aqui neste lugar. Fui tratada pelo doutor Caramujo, que é um médico muito bom. Sarei, embora ficasse manca pelo resto da vida.

— Acha que esse tal doutor Caramujo é capaz de curar uma boneca que nasceu muda? — perguntou a menina.

— Cura, sim. Ele tem umas pílulas que curam todas as doenças, exceto quando o doente morre.

Enquanto conversavam, dona Aranha ia trabalhando no vestido.

— Está pronto — disse ela por fim. Vamos prová-lo.

Narizinho vestiu-se, indo ver-se ao espelho.

— Que beleza! — exclamou, batendo palmas. — Estou que nem um céu aberto!...

E estava mesmo linda. Linda, tão linda no seu vestido de teia cor-de-rosa com estrelinhas de ouro, que até o espelho arregalou os olhos, de espanto.

Trazendo em seguida o seu cofre de jóias, dona Aranha pôs na cabeça da menina um diadema de orvalho, e braceletes de rubis do mar nos braços, e anéis de brilhantes do mar nos dedos, e fivelas de esmeraldas do mar nos sapatos, e uma grande rosa do mar no peito.

Mais linda ainda ficou Narizinho, tão mais linda que o espelho arregalou um pouco mais os olhos, começando a abrir a boca.

— Pronto? — perguntou a menina, deslumbrada.

— Espere — respondeu dona Aranha Costureira. — Faltam os pós de borboleta.

E ordenou às suas seis filhinhas que trouxessem as caixas de pó de borboleta. Escolheu o mais conveniente, que era o famoso pó Furta-todas-as-Cores, de tanto brilho que parecia pó de céu sem nuvens misturado com pó de sol-que-acaba-de-nascer. Polvilhada com ele a menina ficou tal qual um sonho dourado! Linda, tão linda, tão mais, mais, mais linda, que o espelho foi arregalando ainda mais os olhos, mais, mais, mais, até que — craque!... rachou de alto a baixo em seis fragmentos!

Em vez de ficar danada com aquilo, como Narizinho esperava, dona Aranha pôs-se a dançar de alegria.

— Ora graças! — exclamou num suspiro de alívio. — Chegou afinal o dia da minha libertação. Quando nasci, uma fada rabugenta, que detestava minha pobre mãe, virou-me em aranha, condenando-me a viver de costuras a vida inteira. No mesmo instante, porém, uma fada boa surgiu, e me deu esse espelho com estas palavras: *“No dia em que fizeres o vestido mais lindo do mundo, deixarás de ser aranha e serás o que quiseres.”*

— Que bom! — aplaudiu Narizinho. — E no que vai a senhora virar?

— Não sei ainda — respondeu a aranha. — Tenho de consultar o príncipe.

— Sim, mas não vire em nada antes de fazer destes retalhos um vestido para a Emília. A pobrezinha não pode comparecer ao baile assim em fraldas de camisa como está.

— Agora é tarde, menina. O encantamento está quebrado; já não sou costureira. Mas minhas filhas poderão fazer o vestido da boneca.

Não sairá grande coisa, porque não têm a minha prática, mas há de servir. Onde está a senhora Emília?

Narizinho não sabia. Depois que furtou os óculos da velha e saiu correndo, ninguém mais vira a boneca. Dona Aranha voltou-se para as seis aranhinhas.

— Minhas filhas — disse ela — o encanto está quebrado e logo estarei virada no que quiser. Vou portanto abandonar esta vida de costureira, deixando a vocês o meu lugar. O encantamento continua em vocês. Cada uma tem de conservar um pedaço do espelho e passar a vida costurando até que consiga um vestido que o faça rachar de admiração, como sucedeu ao espelho grande.

Nisto o príncipe apareceu. Narizinho contou-lhe toda a história, inclusive a atrapalhação da aranha quanto à escolha do que havia de ser.

O príncipe observou que seu reino estava com falta de sereias, sendo muito do seu agrado que ela virasse sereia.

— Nunca! — protestou Narizinho, que era de muito bons sentimentos. — Sereias são criaturas malvadas, cujo maior prazer é afundar navios. Antes vire princesa.

Houve grande discussão, sem que nada fosse decidido. Por fim a aranha resolveu não virar em coisa nenhuma.

— Acho melhor ficar no que sou. Assim, manca duma perna, se viro princesa ficarei sendo a Princesa Manca; se viro sereia, ficarei sendo a Sereia Manca — e todos caçoarão de mim. Além do mais, como já sou aranha há mil anos, estou acostumadíssima.

E continuou aranha.

VI - A festa do Major

Chegou a hora da festa. Dando a mão a Narizinho, o príncipe dirigiu-se à sala de baile.

— Como é linda! — exclamaram os fidalgos lá reunidos ao verem-na entrar. — Com certeza é a filha única da fada dos Sete Mares...

O salão parecia um céu bem aberto. Em vez de lâmpadas, viam-se pendurados do teto buquês de raios de sol colhidos pela manhã.

Flores em quantidade, trazidas e arrumadas por beija-flores. Tantas pérolas soltas no chão que até se tornava difícil o andar. Não houve ostra que não trouxesse a sua pérola, para pendurá-la num galhinho de coral ou jogá-la por ali como se fosse cisco. E o que não era pérola era flor, e o que não era flor era nácar, e o que não era nácar era rubi e esmeralda e ouro e diamante. Uma verdadeira tontura de beleza!

O príncipe havia convidado só os seres pequeninos, visto ser também pequenino e muito delicado de corpo. Se um hipopótamo ou baleia aparecesse por lá seria o maior dos desastres.

Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos.

Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina — achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo.

Narizinho e o príncipe dançaram a primeira contradança sob os olhares de admiração da assistência. Pelas regras da corte, quando o príncipe dançava todos

tinham de manter-se de boca aberta e olhos bem arregalados. Depois começou a grande quadrilha.

Foi a parte de que Narizinho gostou mais. Quantas cenas engraçadas! Quantas tragédias! Um velho caranguejo que tirara uma gorda taturana para valsar, apertou-a tanto nos braços que a furou com o ferrão. A pobre dama deu um berro ao ver espirrar aquele líquido verde que as taturanas têm dentro de si. Ao mesmo tempo que isso se dava, outro desastre acontecia com um besouro do Instituto Histórico, que tropeçou numa pérola, caiu e desconjuntou-se todo.

O doutor Caramujo foi chamado às pressas para consertar a taturana e o besouro.

— Que bom cirurgião! — exclamou Narizinho, vendo a perícia com que ele arrolhou a taturana e consertou o besouro. E trabalha cientificamente, refletiu a menina, notando que antes de tratar do doente o doutor nunca deixava de fazer o “diagnóstico”. — Amanhã sem falta vou levar Emília ao consultório dele — disse ela ao príncipe.

— E, por falar, onde anda a senhora Emília? — indagou este. — Desde a briga com a dona Carochinha que não a vi mais.

— Nem eu. Acho bom que o senhor príncipe mande procurá-la.

O peixinho gritou para o mordomo que achasse a boneca sem demora.

Enquanto isso o baile prosseguia. Vieram as libélulas, que gozam a fama de ser as mais leves dançarinas do mundo. De fato! Dançam sem tocar os pezinhos no chão — voando o tempo inteiro. A linda valsa das libélulas estava na metade quando o mordomo reapareceu, muito afobado.

— Dona Emília foi assaltada por algum bandido! — gritou ele.

Está lá na gruta dos tesouros, estendida no chão, como morta.

Imediatamente Narizinho pulou do trono e correu em salvação da sua querida bruxa. Encontrou-a caída por terra, com o rosto arranhado, sem dar o menor acordo de si. O doutor Caramujo, chamado com urgência, despertou-a logo com um bom beliscão, depois de fazer o indispensável “diagnóstico”.

— Quem será o monstro que fez isto para a coitada? — exclamou a menina, examinando-lhe a cara e vendo-a com um dos olhos de retrós arrancado. — Não bastava ser um da, vai ficar cega também. Coitadinha da minha Emília!...

— Impossível descobrir o criminoso — declarou o príncipe.

— Não há indícios. Só depois que o doutor Caramujo curá-la da mudez é que poderemos descobrir alguma coisa.

— Havemos de tratar disso amanhã bem cedo — concluiu Narizinho. — Agora é muito tarde. Estou pendendo de sono...

E dando boas noites ao príncipe, retirou-se com Emília para os seus aposentos.

Mas Narizinho não pôde dormir. Mal se deitou, ouviu gemidos no jardim que havia ao lado. Levantou-se. Espiou da janela. Era o sapo que fora vestido de velha coroca.



— Boa noite, Major Agarra! Que gemidos tão tristes são esses? Não está contente com a sua sainha nova?

— Não caçoe, menina, que o caso não é para caçoadas — respondeu o pobre sapo com voz chorosa. — O príncipe condenou-me a engolir cem pedrinhas redondas. Já engoli noventa e nove. Não posso mais! Tenha dó de mim, gentil menina, e peça ao príncipe que me perdoe.

Tanta pena do sapo sentiu Narizinho que mesmo em camisola como estava foi correndo ao quarto do príncipe, em cuja porta bateu precipitadamente — toc, toc, toc!...

— Quem é? — indagou de dentro o peixinho, que estava a despir-se de suas escamas para dormir.

— É Narizinho. Quero que perdoe ao pobre do Major Agarra.

— Perdoar de quê? — exclamou o príncipe, que tinha a memória muito fraca.

— Pois não o condenou a engolir cem pedrinhas redondas? Já engoliu noventa e nove e está engasgado com a última. Não entra. Não cabe! Está lá no jardim, de barriga estufada, gemendo e chorando que não me deixa dormir.

O príncipe danou.

— É muito estúpido o Major! Eu falei aquilo de brincadeira. Diga-lhe que desengula as pedrinhas e não me incomode.

Narizinho foi, pulando de contente, dar a boa notícia ao sapo.

— Está perdoado, Major! O príncipe manda ordem para desengolir as pedrinhas e voltar ao serviço.

Por mais esforço que fizesse, o sapo não conseguiu aliviar-se das pedras. Estava empachado.

— Impossível! — gemeu ele. — O único jeito é o doutor Caramujo abrir-me a barriga com a sua faquinha e tirar as pedras uma por uma com o ferrão de caranguejo que lhe serve de pinça.

— Nesse caso, muito boa noite, senhor sapo. Só amanhã poderemos tratar disso. Tenha paciência e cuide de não morrer até lá.

O sapo agradeceu a boa ação da menina, prometendo que se pudesse fugir das garras do príncipe iria morar no sítio de dona Benta para manter a horta limpa de lesmas e lagartas.

Narizinho recolheu-se de novo, e já ia pulando para a cama quando se lembrou do Pequeno Polegar, que deixara escondido na concha.

— Ah, meu Deus! Que cabeça a minha! O coitadinho deve estar cansado de esperar por mim...

E foi correndo à gruta dos tesouros. Mas perdeu a viagem. Polegar havia desaparecido com a concha e tudo...

VII - A pílula falante

No outro dia a menina levantou-se muito cedo para levar a boneca ao consultório do doutor Caramujo. Encontrou-o com cara de quem havia comido um urutu recheado de escorpiões.

— Que há, doutor?

— Há que encontrei o meu depósito de pílulas saqueado. Furtaram-me todas...

— Que maçada! — exclamou a menina aborrecidíssima. — Mas não pode fabricar outras? Se quiser, ajudo a enrolar.

— Impossível. Já morreu o besouro boticário que fazia as pílulas, sem haver revelado o segredo a ninguém. A mim só me restava um cento, das mil que comprei dos herdeiros. O miserável ladrão só deixou uma — e imprópria para o caso porque não é pílula falante.

— E agora?

— Agora, só fazendo uma certa operação. Abro a garganta da boneca muda e ponho dentro uma falinha, respondeu o doutor, pegando na sua faca de ponta para amolar. Já providenciei tudo.

Nesse momento ouviu-se grande barulheira no corredor.

— Que será? — indagou a menina surpresa.

— É o papagaio que vem vindo — declarou o doutor.

— Que papagaio, homem de Deus? Que vem fazer aqui esse papagaio?

Mestre Caramujo explicou que como não houvesse encontrado suas pílulas mandara pegar um papagaio muito falador que havia no reino. Tinha de matá-lo para extrair a falinha que ia pôr dentro da boneca.

Narizinho, que não admitia que se matasse nem formiga, revoltou-se contra a barbaridade.

— Então não quero! Prefiro que Emília fique muda toda a vida a sacrificar uma pobre ave que não tem culpa de coisa nenhuma.

Nem bem acabou de falar, e os ajudantes do doutor, uns caranguejos muito antipáticos, surgiram à porta, arrastando um pobre papagaio de bico amarrado. Bem que resistia ele, mas os caranguejos podiam mais e eram murros e mais murros.

Furiosa com a estupidez, Narizinho avançou de sopapos e pontapés contra os brutos.

— Não quero! Não admito que judiem dele! — berrou vermelhinha de cólera, desamarrando o bico do papagaio e jogando as cordas no nariz dos caranguejos.

O doutor Caramujo desapontou, porque sem pílulas nem papagaios era impossível consertar a boneca. E deu ordem para que trouxessem o segundo paciente.

Apareceu então o sapo num carrinho. Teve de vir sobre rodas por causa do estufamento da barriga; parece que as pedras haviam crescido de volume dentro. Como ainda estivesse vestido com a saia e a touca da Emília, Narizinho viu-se obrigada a tapar a boca para não rir-se em momento tão impróprio.

O grande cirurgião abriu com a faca a barriga do sapo e tirou com a pinça de caranguejo a primeira pedra. Ao vê-la à luz do sol sua cara abriu-se num sorriso caramujal.

— Não é pedra, não! — exclamou contentíssimo. — É uma das minhas queridas pílulas! Mas como teria ela ido parar na barriga deste sapo?...

Enfiou de novo a pinça e tirou nova pedra. Era outra pílula! E assim foi indo até tirar lá de dentro noventa e nove pílulas.

A alegria do doutor foi imensa. Como não soubesse curar sem aquelas pílulas, andava com medo de ser demitido de médico da corte.

— Podemos agora curar a senhora Emília — declarou ele depois de costurar a barriga do sapo.

Veio a boneca. O doutor escolheu uma pílula falante e pôs-lhe na boca.

— Engula duma vez! — disse Narizinho, ensinando à Emília como se engole pílula. E não faça tanta careta que arreventa o outro olho.

Emília engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi: “Estou com um horrível gosto de sapo na boca!” E falou, falou, falou mais de uma hora sem parar. Falou tanto que Narizinho, atordoada, disse ao doutor que era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir outra mais fraca.

— Não é preciso — explicou o grande médico. — Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda gente. Isto é “fala recolhida”, que tem de ser botada para fora.

E assim foi. Emília falou três horas sem tomar fôlego. Por fim calou-se.

— Ora graças! — exclamou a menina. — Podemos agora conversar como gente e saber quem foi o bandido que assaltou você na gruta. Conte o caso direitinho.

Emília empertigou-se toda e começou a dizer na sua falinha fina de boneca de pano:

— Pois foi aquela diaba da dona Carocha. A coroca apareceu na gruta das cascas...

— Que cascas, Emília? Você parece que ainda não está regulando...

— Cascas, sim — repetiu a boneca teimosamente.

— Dessas cascas de bichos moles que você tanto admira e chama conchas. A coroca apareceu e começou a procurar aquele boneco...

— Que boneco, Emília?

— O tal Polegada que furava bolos e você escondeu numa casca bem lá no fundo. Começou a procurar e foi sacudindo as cascas uma por uma para ver qual tinha boneco dentro. E tanto procurou que achou. E agarrou na casca e foi saindo com ela debaixo do cobertor...

— Da mantilha, Emília!

— Do COBERTOR.

— Mantilha, boba!

— COBERTOR. Foi saindo com ela debaixo do COBERTOR e eu vi e pulei para cima dela. Mas a coroca me unhou a cara e me bateu com a casca na cabeça, com tanta força que dormi. Só acordei quando o doutor Cara de Coruja...

— Doutor Caramujo, Emília!

— Doutor CARA DE CORUJA. Só acordei quando o doutor CARA DE CORUJÍSSIMA me pregou um liscabão.

— Beliscão — emendou Narizinho pela última vez, enfiando a boneca no bolso. Viu que a fala da Emília ainda não estava bem ajustada, coisa que só o tempo poderia conseguir. Viu também que era de gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu.

— Melhor que seja assim, — filosofou Narizinho. — As idéias de vovó e tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as adivinha antes que elas abram a boca. As idéias de Emília hão de ser sempre novidades.

E voltou para o palácio, onde a corte estava reunida para outra festa que o príncipe havia organizado. Mas assim que entrou na sala de baile, rompeu um grande estrondo lá fora — o estrondo duma voz que dizia:

— Narizinho, vovó está chamando... Tamanho susto causou aquele trovão entre os personagens do reino marinho, que todos se sumiram, como por encanto. Sobreveio então uma ventania muito forte, que envolveu a menina e a boneca, arrastando-as do fundo do oceano para a beira do ribeirãozinho do pomar. Estavam no sítio de dona Benta outra vez. Narizinho correu para casa. Assim que a viu entrar, dona Benta foi dizendo:

— Uma grande novidade, Lúcia. Você vai ter agora um bom companheiro aqui no sítio para brincar. Adivinhe quem é?

A menina lembrou-se logo do Major Agarra, que prometera vir morar com ela.

— Já sei vovó! É o Major Agarra-e-não-larga-mais. Ele bem me falou que vinha.

Dona Benta fez cara de espanto.

— Você está sonhando, menina. Não se trata de major nenhum.

— Se não é o sapo, então é o papagaio! — continuou Narizinho, recordando-se de que também o papagaio prometera vir visitá-la.

— Qual sapo, nem papagaio, nem elefante, nem jacaré. Quem vem passar uns tempos conosco é o Pedrinho, filho da minha filha Antonica.

Lúcia deu três pinotes de alegria.

— E quando chega o meu primo? — indagou.

— Deve chegar amanhã de manhã. Apronte-se. Arrume o quarto de hóspedes e endireite essa boneca. Onde se viu uma menina do seu tamanho andar com uma boneca em fraldas de camisa e de um olho só?

— Culpa dela, dona Benta! Narizinho tirou minha saia para vestir o sapão rajado — disse Emília falando pela primeira vez depois que chegara ao sítio.

Tamanho susto levou dona Benta, que por um triz não caiu de sua cadeirinha de pernas serradas. De olhos arregaladíssimos, gritou para a cozinha:

— Corra, Nastácia! Venha ver este fenômeno...

A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental.

— Que é, sinhá? — perguntou.

— A boneca de Narizinho está falando!... A boa negra deu uma risada gostosa, com a beiçaria inteira.

— Impossível, sinhá! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está mangando com mecê.

— Mangando o seu nariz! — gritou Emília furiosa. — Falo, sim, e hei de falar. Eu não falava porque era muda, mas o doutor Cara de Coruja me deu uma bolinha de barriga de sapo e eu engoli e fiquei falando e hei de falar a vida inteira, sabe?

A negra abriu a maior boca do mundo.

— E fala mesmo, sinhá!... — exclamou no auge do assombro.

— Fala que nem uma gente! Credo! O mundo está perdido...

E encostou-se à parede para não cair.



O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

I - As jabuticabas

De volta do reino das Águas Claras, Narizinho começou todas as noites a sonhar com o príncipe Escamado, dona Aranha, o doutor Caramujo e mais figurões que conhecera por lá. Ficou de jeito que não podia ver o menor inseto sem que se pusesse a imaginar a vida maravilhosa que teria na terrinha dele. E quando não pensava nisso pensava no Pequeno Polegar e nos meios de o fazer fugir de novo da história onde o coitadinho vivia preso.

Era este o assunto predileto das conversas da menina com a boneca. Faziam planos de toda sorte, cada qual mais amalucado.

Emília tinha idéias de verdadeira louca.

— Vou lá — dizia ela — e agarro nas orelhas da dona Carocha e dou um pontapé naquele nariz de papagaio e pego o Polegada pelas botas e venho correndo.

Narizinho ria-se, ria-se...

— Vai lá onde, Emília?

— Lá onde mora a velha.

— E onde mora a velha?

A boneca não sabia, mas não se atrapalhava na resposta. Emília nunca se atrapalhou nas suas respostas. Dizia as maiores asneiras do mundo, mas respondia.

— A velha mora com o Pequeno Polegada.

— Polegar, Emília!

— PO-LE-GA-DA.

Era teimosa como ela só. Nunca disse doutor Caramujo. Era sempre doutor Cara de Coruja. E nunca quis dizer Polegar. Era sempre Polegada.

— Muito bem — concordou a menina. — A velha mora com Polegar e Polegar mora com a velha. Mas onde moram os dois?

— Moram juntos.

Narizinho ria-se, dizendo: “Possa-se com uma diabinha destas!”

Dona Benta era outra que achava muita graça nas maluquices da boneca. Todas as noites punha-a ao colo para lhe contar histórias. Porque não havia no mundo quem gostasse mais de história do que a boneca. Vivia pedindo que lhe contassem a história de tudo – do tapete, do cuco, do armário. Quando soube que Pedrinho, o outro neto de dona Benta, estava para vir passar uns tempos no sítio, pediu a história de Pedrinho.

— Pedrinho não tem história — respondeu dona Benta rindo-se. — É um menino de dez anos que nunca saiu da casa de minha filha Antonica e portanto nada fez ainda e nada conhece do mundo. Como há de ter história?

— Essa é boa! — replicou a boneca. — Aquele livro de capa vermelha da sua estante também nunca saiu de casa e no entanto tem mais de dez histórias dentro.

Dona Benta voltou-se para tia Nastácia.

— Esta Emília diz tanta asneira que é quase impossível conversar com ela. Chega a atrapalhar a gente.

— É porque é de pano, sinhá — explicou a preta — e dum paninho muito ordinário. Se eu imaginasse que ela ia aprender a falar, eu tinha feito ela de seda, ou pelo menos dum retalho daquele seu vestido de ir à missa.

Dona Benta olhou para tia Nastácia dum certo modo, como que achando aquela explicação muito parecida com as da Emília...

Nisto apareceu Narizinho, com uma carta para dona Benta trazida pelo correio.

— Letra da sua filha Tonica, vovó — disse a menina. — Com certeza é marcando a viagem de Pedrinho.

Dona Benta leu. Era isso mesmo. Pedrinho viria dali uma semana.

— Uma semana ainda? — comentou Narizinho, desanimada de tanta demora. Que pena! Tenho tanta coisa a contar a Pedrinho — coisas do reino das Águas Claras...

— Não sei que reino é esse. Você nunca me falou nele, — disse dona Benta com cara de surpresa.

— Não falei nem falo porque a senhora não acredita. uma beleza de reino, vovó! Um palácio de coral que parece um sonho! E o príncipe Escamado, e o doutor Caramujo, e dona Aranha com suas seis filhinhas, e o major Agarra, e o papagaio que salvei da morte — quanta coisa!... Até baleias vimos lá, uma baleia enorme, dando de mamar a três baleinhas. Vi um milhão de coisas mas não posso contar nada nem para vovó nem para tia Nastácia porque não acreditam.

Para Pedrinho, sim, posso contar tudo, tudo...

Dona Benta, de fato, nunca dera crédito às histórias maravilhosas de Narizinho. Dizia sempre: “Isso são sonhos de crianças.” Mas depois que a menina fez a boneca falar, dona Benta ficou tão impressionada que disse para a boa negra: — Isto é um prodígio tamanho que estou quase crendo que as outras coisas fantásticas que Narizinho nos contou não são simples sonhos, como sempre pensei.

— Eu também acho, sinhá. Essa menina é levada da breca. É bem capaz de ter encontrado por aí alguma varinha de condão que alguma fada tenha perdido... Eu também não acreditava no que ela dizia, mas depois do caso da boneca fiquei até transtornada da cabeça. Pois onde é que já se viu uma coisa assim, sinhá, uma boneca de pano, que eu mesma fiz com estas pobres mãos, e de um paninho tão ordinário, falando, sinhá, falando que nem uma gente!... Qual, ou nós estamos caducando ou o mundo está perdido...

E as duas velhas olhavam uma para a outra, sacudindo a cabeça. Narizinho não gostava de esperar; ficou pois aborrecida de ter de esperar Pedrinho ainda uma semana inteira. Felizmente era tempo de jabuticabas.

No sítio de dona Benta havia vários pés, mas bastava um para que todos se regalassem até enjoar. Justamente naquela semana as jabuticabas tinham chegado “no ponto” e a menina não fazia outra coisa senão chupar jabuticabas. Volta e meia trepava à árvore, que nem uma macaquinha. Escolhia as mais bonitas, punha-as entre os dentes e *tloc!* E depois do *tloc*, uma engolidinha de caldo e *pluf!* – caroço fora. E *tloc, pluf, tloc, pluf*, lá passava o dia inteiro na árvore.

As jabuticabas tinham outros fregueses além da menina. Um deles era um leitão muito guloso, que recebera o nome de Rabicó.

Assim que via Narizinho trepar à árvore, Rabicó vinha correndo postar-se embaixo à espera dos caroços. Cada vez que soava lá em cima um *tloc!* seguido de um *pluf!* ouvia-se cá embaixo um *nhoc!* do leitão abocanhando qualquer coisa. E a música da jabuticabeira era assim: *tloc! pluf! nhoc!* — *tloc! pluf! nhoc!*...

Sanhaços também, e abelhas e vespas. Vespas em quantidade, sobretudo no fim, quando as jabuticabas ficavam que nem um mel, como dizia Narizinho. Escolhiam as melhores frutas, furavam-nas com o ferrão, enfiavam meio corpo dentro e deixavam-se ficar muito quietinhas, sugando até caírem de bêbedas.

— E não mordiam?

— Não tinham tempo. O tempo era pouco para aproveitarem aquela gostosura que só durava uns quinze dias.

Não mordiam é um modo de dizer. Nunca tinham mordido, isso sim. Porque justamente naquela tarde uma mordeu. Estava Narizinho no seu galho, distraída em pensar na surpresa que teria o príncipe Escamado se recebesse uma jabuticaba de presente, quando levou à boca uma das tais furadinhas, com meia vespa dentro. Dessa vez em lugar do *tloc* do costume o que soou foi um berro — ai! ai! ai!... tão bem berrado que lá dentro da casa as duas velhas ouviram.

— Que será aquilo? — exclamou dona Benta assustada.

— Aposto que é vespa, sinhá! — disse tia Nastácia. — Ela não sai da “fruteira” e, como nunca foi mordida, abusa. Eu vivo dizendo: “Cuidado com as vespas!” mas não adianta, Narizinho não faz caso. Agora, está aí...

E foi correndo ao pomar acudir a menina.

Encontrou-a já de volta, berrando com a língua à mostra, porque fora bem na ponta da língua que a vespa ferroara. A negra trouxe-a para casa, botou-a no colo e disse:

— Sossegue, boba, isso não é nada. Dói mas passa. Ponha a língua para eu arrancar o ferrão. Vespa quando morde deixa o ferrão no lugar da mordedura. Bem para fora. Assim.

Narizinho espichou meio palmo de língua e tia Nastácia, com muito custo, porque já tinha a vista fraca, pôde afinal descobrir o ferrãozinho e arrancá-lo.

— Pronto! — exclamou mostrando qualquer coisa na ponta duma pinça. — Está aqui o malvado. Agora é ter paciência e esperar que a dor passe. Se fosse mordida de cachorro bravo seria muito pior...

Narizinho curtiu a dor por alguns minutos, de língua inchada e olhos vermelhos, soluçando de vez em vez. Depois que a dor passou, foi contar à boneca toda a história.

— Bem feito! — disse Emília. — Se fosse eu, antes de comer olhava cada fruta, uma por uma, com o binóculo de dona Benta.

Apesar do acontecido, Narizinho não pôde reprimir uma gargalhada, que tia Nastácia ouviu lá da cozinha.

“Narizinho já sarou”, disse consigo a preta, “e daqui um instantinho está trepada na árvore outra vez”.

E tinha razão. Indo dali a pouco ao rio com a trouxa de roupa suja, ao passar pela jabuticabeira parou para ouvir a música de sempre — *tloc! pluf! nhoc...* Lá estava Narizinho trepada à árvore.

Lá estavam as vespas com meio corpo metido dentro das frutas. Lá estava Rabicó esperando a queda dos caroços.

— Está tudo regulando! — murmurou consigo a preta, e pondo o pito na boca seguiu o seu caminho.

II - O enterro da vespa

De noite, à hora de deitar-se, Narizinho lembrou-se de que havia deixado a boneca debaixo da jabuticabeira.

— Pobre da Emília! Deve estar morrendo de medo das corujas... e pediu a tia Nastácia que fosse buscá-la.

A negra foi e trouxe Emília, toda úmida de orvalho, danadíssima com o esquecimento da menina. E só com a promessa de um belo vestido novo é que desamarrou o burro. Um vestido de chita cor-de-rosa com pintinhas.

E de saia bem comprida.

— Por que, Emília? — indagou a menina estranhando aquele gosto.

— Porque sujei a perna aqui no joelho e não quero que apareça.
 — O mais fácil será lavar o joelho.
 — Deus me livre! Tia Nastácia diz que sou de macela por dentro e por isso não posso me molhar. Emboloro. Um dia ainda posso virar condessa e não quero ser chamada a condessa do Bolor.
 — Testo, panela, bolor, fedor! Tem razão, Emília. O melhor é fazer um vestido de cauda. Para condessas fica bem. Mas condessas de quê?
 — Quero ser a condessa de Três Estrelinhas! Acho lindo tudo que é de três estrelinhas.
 — Pois muito bem, Emília. Desde este momento fica você nomeada condessa de Três Estrelinhas e para não haver dúvida vou pintar três estrelinhas na sua testa. Todas as criaturas do mundo vão torcer-se de inveja!...
 — Todas menos uma — observou a boneca.
 — Quem?
 — A vespa que ferrou sua língua.
 — Explique-se, Emília. Não estou entendendo nada.
 — Quero dizer que a tal vespa está morta e bem enterrada no fundo da terra — explicou a boneca. — Assisti a tudo. Quando ela mordeu sua língua e você fez *pluf!* antes de berrar ai! ai! ai!, a jabuticaba cuspidada, ainda com a vespa dentro, caiu bem perto de mim. Vi então tudo o que se passou depois que você desceu da árvore, berrando que nem um bezerro, e lá foi de língua de fora.
 E a boneca contou direitinho o triste fim da pobre vespa.



— Ela ficou ainda quase uma hora metida dentro da casca, toda arrebrandinha, movendo ora uma perna, ora outra. Afinal parou. Tinha morrido. Vieram as formigas cuidar do enterro. Olharam, olharam, estudaram o melhor meio

de a tirar dali. Chamaram outras e por fim deram começo ao serviço. Cada qual a agarrou por uma perninha e, puxa que puxa, logo a arrancaram de dentro da jabuticaba. E foram-na arrastando por ali afora até à cova, que é o burquinho onde as formigas moram. La pararam à espera do fazedor de discursos...

— Orador, Emília!

— FAZEDOR DE DISCURSOS. Veio ele, de discursinho debaixo do braço, escrito num papel e leu, leu, leu que não acabava mais. As formigas ficaram aborrecidas com o besourinho (era um besourinho do Instituto Histórico) e apitaram. Apareceu então um louva-a-deus policial, de pauzinho na mão. “Que há?” — perguntou. “Há que estamos cansados e com fome e este famoso orador não acaba nunca o seu discurso. Está muito pau”, disseram as formigas. “Para pau, pau!” — resolveu o soldado — e arrolhou o orador com o seu pauzinho. As formigas, muito contentes, continuaram o serviço e levaram para o fundo da cova o cadáver da vespa. Em seguida apareceu uma trazendo um letreiro assim, que fincou num montinho de terra:

“AQUI NESTE BURACO JAZ UMA POBRE
VESPA ASSASSINADA NA FLOR DOS ANOS
PELA MENINA DO NARIZ ARREBITADO.
ORAI POR ELA!”

Feito isso, recolheu-se. Era noite quase fechada. No pomar deserto só ficou o besourinho, sempre engasgado com o pau. Queria à viva força continuar o discurso. Por fim conseguiu destapar-se e imediatamente continuou: “Neste momento solene...” Nisto um sapo, que ia passando, alumiou o olho dizendo: “Espere que eu te curo!...” Deu um pulo e engoliu o fazedor de discursos!

— Não reparou, Emília, se esse sapo era o Major Agarra-e-não-larga-mais? — perguntou a menina.

— Não era, não! — respondeu a boneca. — Era o Coronel Come-orador-com-discurso-e-tudo...

III - A pescaria

Afinal acabaram as jabuticabas. Somente nos galhos bem lá do alto é que ainda se via uma ou outra, todas furadinhas de vespa.

Rabicó — rom, rom, rom, — volta e meia aparecia por ali por força do hábito. Ficava imóvel, muito sério, esperando que caíssem cascas; mas, como não caísse coisa nenhuma, desistia e retirava-se, rom, rom, rom...

Narizinho também ainda aparecia de vez em quando de comprida vara na mão e nariz para o ar, na esperança de “pescar” alguma coisa.

— Arre, menina! — gritou lá do rio tia Nastácia, numa dessas vezes. — Não chegou quase um mês inteiro de *tloc*, *tloc*? Largue disso e venha me ajudar a estender esta roupa, que é o melhor.

Narizinho jogou a vara em cima do leitão, que fez coim! e foi correndo para o rio, com a Emília de cabeça para baixo no bolso do avental.

Lá teve uma idéia: deixar a boneca pescando enquanto ela ajudava a preta.

— Tia Nastácia, faça um anzolzinho de alfinete para a Emília. A coitada tem tanta vontade de pescar...

— Era só o que faltava! — respondeu a negra, tirando o pito da boca. — Eu, com tanto serviço, a perder tempo com bobagem.

— Faz? — insistiu a menina. — Alfinete, tenho aqui um. Linha, há no alinhavo da minha saia. Vara não falta. Faz?

A negra não teve remédio.

— Como não hei de fazer, demoninho? Faço, sim... Mas se ficar atrasada no serviço, a culpa não é minha.

E fez. Dobrou o alfinete em forma de gancho, amarrou-o na ponta duma linha e descobriu uma vara — uma varinha de dois palmos, imaginem! Narizinho completou a obra, atando a vara ao braço da boneca.

— E isca? — indagou depois.

— Isca é o de menos, menina. Qualquer gafanhoto serve.

Salta daqui, salta dali, Narizinho conseguiu apanhar um gafanhoto verde. Espetou-o no anzol. Depois arrumou a boneca à beira d'água, muito tensa, com uma pedra ao colo para não cair.

— Agora, Emília, bico calado! Nenhum pio, senão espanta os peixes. Logo que um deles beliscar, *zuct!*, dê um puxão na linha.

E, deixando-a ali, foi ter com a preta.

— Você me frita para o jantar o peixinho da Emília, Nastácia? Frita?

— Frito, sim! Frito até no dedo!...

— Não caçoe, Nastácia! Emília é uma danada. Ninguém imagina de quanta coisa ela é capaz.

Palavras não eram ditas e — *tchibum!*... pescadora de pano revirava dentro d'água, com pedra e tudo.

— Acuda, Nastácia! Emília está se afogando!... — gritou a menina aflita.

De fato. Um peixe engolira a isca e, lutando por safar-se do anzol, arrastara a boneca para o meio do rio.

Tia Nastácia arranhou uma vara de gancho e com muito jeito foi puxando para a beira do córrego a infeliz pescadora, até o ponto onde a menina a pudesse agarrar.

Assim aconteceu. e qual não foi o assombro de Narizinho vendo sair d'água, presa ao anzol de Emília, uma trairinha que rabeava como louca!

A negra pendurou o beijo.

— Credo! Até parece feitiçaria! — resmungou.

Muito contente da aventura, Narizinho disparou para casa com o peixe na mão.

— Vovó — gritou ela ao entrar, — adivinhe quem pescou esta trairinha...

Dona Benta olhou e disse:

— Ora, quem mais! Você, minha filha.

— Errou!

— Tia Nastácia, então.
— Qual Nastácia, nada!...
— Então foi o saci — caçou Dona Benta.
— Vovó não adivinha! Pois foi a Emília...
— Está bobeando sua avó, minha filha?
— Juro! Palavra de Deus que foi a Emília. Pergunte a tia Nastácia, se quiser.
A preta vinha entrando com a trouxa de roupa lavada à cabeça.
— Não foi mesmo, tia Nastácia? Não foi Emília quem pescou a trairinha?
— Foi, sim, sinhá — respondeu a preta dirigindo-se para dona Benta. — Foi a boneca. Sinhá não imagina que menina reinadeira é essa! Arranjou jeito de botar a boneca pescando na beira do rio e o caso é que o peixe tá aí...
Dona Benta abriu a boca.
— Bem diz o ditado, que quanto mais se vive mais se aprende.
Estou com mais de sessenta anos e todos os dias aprendo coisas novas com esta minha neta do chifre furado...
— Criança de hoje, sinhá, já nasce sabendo. No meu tempo, menina assim desse porte andava no braço da ama, de chupeta na boca. Hoje?... Credo! Nem é bom falar...
E com a menina dançando à sua frente, tia Nastácia lá foi para a cozinha fritar a traíra.

IV - As formigas ruivas

Só depois de comer o peixe frito é que Narizinho se lembrou da pobre boneca, encharcada pelo banho no rio.
— A coitada!... É bem capaz de apanhar pneumonia...
E foi correndo cuidar dela. Despiu-a e pô-la num lugar de bastante sol. Dum lado estendeu suas roupinhas molhadas e do outro, a pobre Emília nua em pêlo. E já ia retirar-se quando a boneca fez cara de choro.
— Eu aqui não fico sozinha!...
— Por que, sua enjoada? Tem medo que o leitão venha espiar esses cambitos magros?
— Espiar não é nada, mas ele é capaz de me comer. Tia Nastácia diz que Rabicó devora tudo o que encontra.
— Nesse caso, penduro você na árvore.
— Isso também não! — protestou Emília. — Alguma vespa pode me ferrar.
— Boba! Não sabe que vespa não ferra pano?
— Mas se eu cair com o vento?
— Grande coisa! Boneca de pano quando cai não se machuca. Eu é que não posso ficar neste sol tirano à espera de que a excelentíssima senhora condessa de Três Estrelinhas seque! Quem mandou molhar-se?
— Mal agradecida! Se não fosse a minha molhadela você não comia a traíra.
— Está pensando que era uma grande coisa a tal traíra? Só espinho...

— É, mas você comeu-a com espinho e tudo. e até lambeu os beijos.

— Lábios, aliás. Beijo é de boi. Comi porque quis, sabe? Não tenho que dar satisfações a ninguém, ahn! — e Narizinho pôs-lhe a língua.

Emburraram ambas. Narizinho, porém, ficou, porque lá no íntimo estava com receio de deixar a boneca sozinha.

Fazia um sol quente e parado. Nas árvores, um ou outro tico-tico só; e no chão, só formiguinhas ruivas.

Para matar o tempo a menina pôs-se a observar o corre-corre delas, esquecendo a briga com a boneca.

— Já reparou, Emília, como as formigas conversam? Que pena a gente não entender o que dizem...

— A gente é modo de dizer — replicou Emília — porque eu entendo muito bem o que dizem.

— Sério, Emília?

— Sério, sim, Narizinho. Entendo muito bem e, se você ficar aqui comigo, contarei todas as historinhas que elas conversam. Repare. Vem vindo aquela de lá e esta de cá. Assim que se encontrarem, vão parar e conversar.

Dito e feito. As formiguinhas encontraram-se, pararam e começaram a trocar sinais de entendimento.

— Fiquei na mesma! — disse a menina.

— Pois eu entendi tudo, — declarou a boneca. -A que veio de lá disse: “Encontrou o cadáver do grilinho verde”? A que veio de cá respondeu: “Não”! A de lá: “Pois volte e procure perto daquela pedra onde mora o besouro manco.” Esta formiga que dá ordens deve ser alguma dona-de-casa lá do formigueiro. E repare seus modos de mandona; está sempre a entrar e sair do burquinho, como quem dirige um serviço. A outra com certeza é uma simples carregadeira.

Havia de ser isso mesmo, porque logo depois chegou uma terceira, muito apressada, que cochichou com a mandona e lá se foi mais apressada ainda.

— Que é que disse esta? — perguntou Narizinho.

— Disse que haviam descoberto uma bela minhoca perto da porteira, mas que precisavam de auxílio para conduzi-la.

— Emília, você esta me bobeando! — exclamou a menina desconfiada. — Vou ver, e se não for verdade você me paga. Espere aí...

E disparou em direção da porteira. Procura que procura, logo achou em certo ponto uma pobre minhoca corcoveando com várias formiguinhas ferradas no seu lombo.

Teve vontade de libertar a prisioneira, mas a curiosidade de ver o que aconteceria foi maior — e deixou a triste minhoca entregue ao seu trágico destino.

Novas formiguinhas foram chegando, que de um bote — zás!... ferravam a minhoca sem dó. Não demorou muito e já eram mais de vinte. A minhoca bem que espinoteou; por fim, exausta, foi moleando o corpo até que morreu bem morrida. As formiguinhas então principiaram a arrastá-la para o formigueiro.

Que custo! A minhoca era das mais gordas, pesando umas sete arrobas — arrobinhas de formiga, e além disso ia enganchando pelo caminho em quanto

pedregulho ou capim havia; mas as carregadeiras sabiam dar volta a todos os embarços.

Depois de meia hora de trabalhadeira deram com a minhoca na boca do formigueiro. Aí, nova atrapalhão. Por mais que experimentassem, não houve jeito de recolhê-la inteira. Nisto apareceu a formiga mandona. Examinou o caso e deu ordem para que a picassem em vários roletes.

Aquilo foi zás-trás! Em três tempos fez-se o serviço e os roletes de carne foram levados para dentro.

— Sim, senhora! — exclamou a menina depois de terminada a festa. — É o que se pode chamar um trabalho limpo! O demo queira ser minhoca neste pomar...

— Bem feito! — disse Emília. — Quem a mandou ser abelhuda?

Se estivesse com as outras lá dentro da terra, que é o lugar das minhocas, nada lhe aconteceria. Macaco que muito mexe quer chumbo, como diz tia Nastácia.

Isso, foi de dia. De noite a história das formigas continuou.

Narizinho e Emília dormiam juntas na mesma cama. A rede armada entre pés de cadeira fora abandonada desde que a boneca aprendeu a falar. Dormiam juntas para conversar até que o sono viesse.

— Mas, Emília, como é que você entende a linguagem das formigas? — perguntou Narizinho logo que se deitou.

A boneca refletiu um bocado e respondeu:

— Entendo porque sou de pano.

Narizinho deu uma gargalhada.

— Isso não é resposta duma senhora inteligente. O meu vestido também é de pano e não entende coisa nenhuma.

A boneca pensou outra vez.

— Então é porque sou de macela — disse.

Nova risada de Narizinho.

— Isso Também não é resposta. Este travesseiro é de macela e entende as formigas tanto quanto eu.

— Então... então... engasgou Emília, com o dedinho na testa. Então não sei.

Era a primeira vez que Emília se embaraçava numa resposta. Primeira e última. Nunca mais houve pergunta que a atrapalhasse.

— Pois se não sabe, durma — disse a menina, virando-se para a parede.

Dormiram ambas.

Altas horas, estavam no mais gostoso do sono quando bateram — toc, toc, toc...

— Quem é? — perguntou Narizinho sentando-se na cama.

— Sou eu, Rabicó! — grunhiu o leitão entreabrindo a porta com o focinho.

— Está aqui uma senhora ruiva que quer entrar.

— Pois que entre! — ordenou a menina. Rabicó escancarou a porta para dar passagem a uma formiga ruiva, de saiote vermelho e avental de renda. Trazia na cabeça uma salva de prata, coberta com guardanapo de papel.

— Que é que deseja? — indagou a menina cheia de curiosidade.

— Quero entregar à senhora Condessa este presente mandado pela rainha das formigas.

— Condessa? — repetiu Narizinho franzindo a testa. — Que condessa, minha senhora?

— Condessa de Três Estrelinhas — explicou a formiga.

— Hum! — fez a menina, lembrando-se de que ela mesma havia “condessado” a boneca.

Voltou-se para Emília e deu-lhe uma cotovelada.

— Acorde, pedra! É com Vossa Excelência o negócio.

Emília sentou-se na cama. Espreguiçou-se, tonta de sono. E julgando que ainda estivessem a conversar sobre a linguagem das formigas, disse, num bocejo:

— Então é... é porque sou...

— Não se trata mais disso, idiota! Está aí à procura duma tal condessa a criada duma tal rainha. Vamos! Acorde duma vez!

Só então Emília acordou de verdade. Viu a formiga com a salva e espichou os braços para receber o presente. Eram croquetes, lindos croquetes tostadinhos.

A boneca sorriu de gosto e orgulho. A rainha só se lembrara dela!

— Diga a Sua Majestade que a condessa de Três Estrelinhas muito agradece o presente. Diga que os croquetes estão lindos e que ela é uma grande cozinheira.

Narizinho disparou a rir gostosamente.

— Que idéia, condessa! Uma rainha lá pode ser cozinheira?

Caindo em si, Emília viu que tinha cometido uma coisa muito grave entre as pessoas de alta sociedade, chamada “gafe”. E procurou corrigir-se.

— Isto é... diga que a cozinheira dela é muito boa, entendeu? E diga também que os croquetes estão muito gostosos, isto é... devem estar muito gostosos. Pode ir.

A criada fez um cumprimento de cabeça antes de retirar-se, mas foi detida por um gesto da menina.

— Não vá ainda — disse ela. E voltando-se para a Emília: — Presente, senhora condessa, paga-se com presente. Mande à tal rainha uma perna daquele pernilongo que queimei com a vela antes de deitar.

— É verdade! — exclamou a boneca. — Não me custa nada e ela vai ficar contentíssima.

E pôs-se de gatinhas a procurar o pernilongo assado. Achou-o, tirou-lhe uma perninha, enfeitou-a com um laço de fita e, depois de embrulhá-la em papel de seda, colocou-a na salva, com um cartão que dizia assim:

“À Sua Majestade a Rainha da Cintura Fina, a humilde criada Condessa de Três Estrelinhas oferece este humilde presente.”

— Leve este presente à rainha, sim? E você, para distrair-se pelo caminho vá comendo este mocotó de pernilongo — concluiu Emília, dando à criada um cambito de inseto.

A mensageira agradeceu, retirando-se muito satisfeita da vida, com a salva na cabeça e o mocotó no ferrão.

Emília fechou a porta e veio examinar os croquetes. Cheirou-os.

— Hum! Estão de fazer vir água à boca. Quer provar um, Narizinho?

A menina torceu o nariz desdenhosamente.

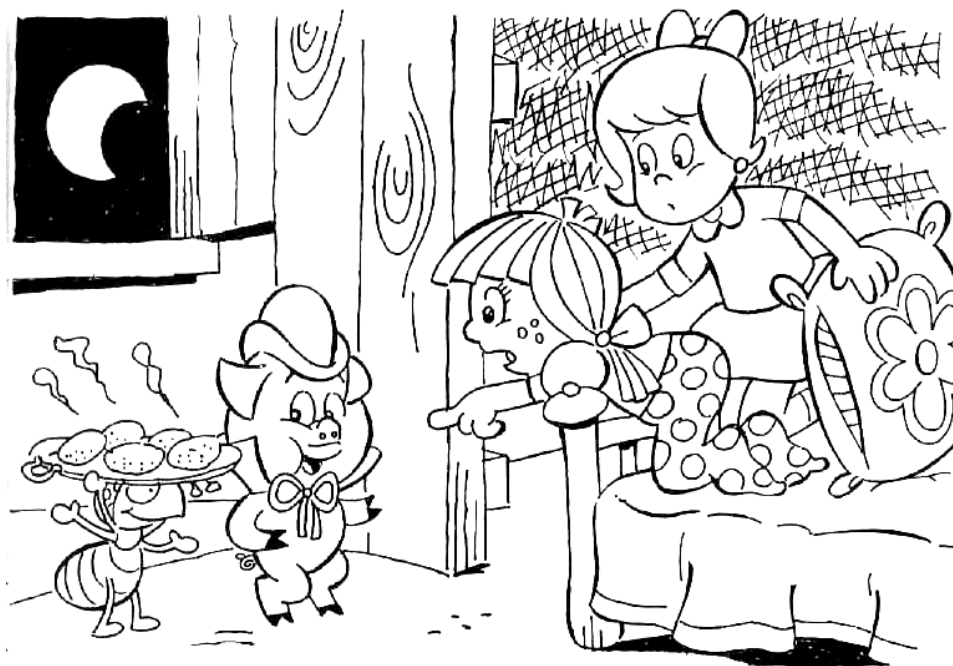
— Deus me livre! Juro que é croquete de minhoca.

Percebendo que ela falava assim por despeito, a boneca disse, para moê-la:

— Quem desdenha quer comprar...

— Só? Engraçadinha!... replicou a menina com um grande ar de pouco caso.

E vendo a boneca morder um dos croquetes, com os maiores exageros do mundo, como se aquilo fosse um manjar do céu, fez muxoxo de nojo.



— Está boa mesmo para casar com Rabicó! Comer croquete de minhoca!

— Que seja de minhoca, que tem isso? — retrucou Emília. Tanto faz carne de minhoca como de porco, vaca ou frango — tudo é carne. E muito me admira que uma senhora que comeu ontem no jantar tripa de porco, mostre essa cara de nojo por causa dum simples croquete de minhoca.

— Alto lá, senhora condessa Minhoqueira! Porco é porco e minhoca é minhoca.

— É “por isso mesmo” que eu como minhoca e não como porco! — replicou a boneca vitoriosa. — Não sou porcalhona.

A discussão foi por aí além. Enquanto isso o senhor Rabicó farejou os croquetes, chegou-se de mansinho e, vendo-as distraídas com a disputa, comeu-os todos de uma engolida só. Terminada a discussão, quando a boneca, espichou o braço a fim de pegar um segundo croquete...

— Que é dos croquetes? — gritou ela.

Nem sinal! Emília esperneou de ódio, ao passo que Narizinho batia palmas de contentamento.

— Bem feito! Estava muito ganjenta, não é? Pois tome!

— Quero os meus croquetes! Quero os meus croquetes! — berrava Emília, batendo o pé num grande desespero.

— Se quer os seus croquetes, peça contas a quem os tirou.

— Quem foi?

— Quem mais se não Rabicó? Vai ver que está aqui pelo quarto, escondido debaixo da cama.

Emília deu busca e logo descobriu o ladrão num canto, ressonando de papo cheio.

— Espere que te curo! — gritou ela, passando a mão na vassoura. E *pá! pá! pá!*... desceu a lenha no lombo do gatuno, enquanto Narizinho se rebolava na cama de tanto rir, pensando consigo: “Se antes de casar é assim, imagine-se depois!”

Isso porque ela andava alimentando o projeto de casar Emília com Rabicó.

V - Pedrinho

Chegou afinal o grande dia. Na véspera viera para dona Benta uma carta de Pedrinho que começava assim:

“Sigo para aí no dia 6. Mande à estação o cavalo pangaré e não se esqueça do chicotinho de cabo de prata que deixei pendurado atrás da porta do quarto de hóspedes. Narizinho sabe.

Quero que Narizinho me espere na porteira do pasto, com a Emília no seu vestido novo e Rabicó de laço de fita na cauda. E tia Nastácia que apronte um daqueles cafés com bolinhos de frigideira que só ela sabe fazer.”

Em vista disso Narizinho levantou-se muito cedo para preparar a recepção de acordo com as instruções da carta. Enfiou em Emília o vestido novo de chita cor-de-rosa com pintinhas e enfeitou Rabicó de duas fitas — uma ao pescoço e outra na ponta da cauda.

Pac, pac, pac... Pedrinho apareceu na porteira, trotando no pangaré, corado do sol e alegre como um passarinho.

— Viva! — gritou a menina, correndo a lhe segurar a rédea. — Apeie depressa, senhor doutor, que temos mil coisas a conversar!

Pedrinho apeou-se, abraçou-a e não resistiu à tentação de ali mesmo abrir o pacote dos presentes para tirar o dela.

— Adivinhe o que trouxe para você! — disse, escondendo atrás das costas um embrulho volumoso.

— Já sei — respondeu a menina incontinenti. — Uma boneca que chora e abre e fecha os olhos.

Pedrinho ficou desapontado, porque era justamente o que havia trazido.

— Como adivinhou, Narizinho?

A menina deu uma risada gostosa.

— Grande coisa! Adivinhei porque conheço você. Fique sabendo, seu bobo, que as meninas são muito mais espertas que os meninos...

— Mas não têm mais muque! — replicou ele com orgulho, fazendo-a apalpar a dureza do seu bíceps que a ginástica escolar havia desenvolvido. E concluiu: — Com este muque e a sua esperteza, Narizinho, quero ver quem pode com a nossa vida!

Os presentes dos demais foram também distribuídos ali mesmo. Rabicó teve uma fita nova, de seda — e os restos do farnel que Pedrinho trouxera (e foi isso o que ele mais apreciou). Emília recebeu um serviço de cozinha completo — fogãozinho de lata, panelas, e até um rolo de folhear massa de pastel.

— E para vovó que é que trouxe? — perguntou Narizinho.

— Adivinhe, já que é tão adivinhadeira — disse ele.

— Eu só adivinho quando é você mesmo quem escolhe os presentes. Mas o presente de vovó apostado que não foi você quem escolheu, foi tia Antonica...

Pela segunda vez Pedrinho abriu a boca. Aquela prima, apesar de viver na roça, estava se tornando mais esperta do que todas as meninas da cidade.

— Tem razão. É isso mesmo. O presente de vovó quem o escolheu e comprou foi mamãe. Você precisa me ensinar o segredo de adivinhar as coisas, Narizinho...

Nesse momento dona Benta apareceu na varanda e Pedrinho correu a abraçá-la.

Dali a pouco estavam todos reunidos na sala de jantar, ouvindo notícias e histórias da cidade. Tia Nastácia trouxe da cozinha a gamela de massa, para não perder uma só palavra ao mesmo tempo que ia enrolando os bolinhos. Súbito, uma brisa soprou mais forte e um ringido se fez ouvir — nhem, nhim...

Pedrinho interrompeu a conversa, de ouvido atento.

— O mastro de São João!... — murmurou enlevado. — Quantas vezes no colégio me iludi com os ringidos das portas, imaginando que era a bandeira do nosso mastro!... Como vai ele?

— Já desbotado pelas chuvas e com um rasgão na bandeira bem em cima da cabeça do carneirinho — respondeu a menina.

O dia de São João era o grande dia de festa no Sítio do Pica-pau Amarelo. Reuniam-se lá todas as crianças dos arredores, para soltar bombinhas e pistolões e dançar em torno da fogueira. Pedrinho jamais faltou a essa festa anual, como jamais deixou de queimar o dedo.

Um ano em que não queimou o dedo ficou muito admirado.

Nos últimos tempos era Pedrinho quem pintava o mastro, caprichando em formar arabescos de todas as cores, cada ano dum estilo diferente. Também era ele quem fornecia a bandeira com o retrato de São João menino, de cruz ao ombro e cordeiro no braço.

Trazia-a da cidade, depois de percorrer todas as casas de negócio a fim de comprar a mais bonita.

— Está bem — disse dona Benta logo que soube das principais novidades. — Pode ir brincar com Narizinho, que tem um mundo de coisas a contar.

Os dois primos dirigiram-se ao pomar aos pinotes. Era lá, debaixo das velhas árvores que trocavam confidências e planejavam as grandes aventuras pelo mundo das maravilhas.

O assunto do dia foi o extraordinário caso da boneca.

— Parece incrível! — dizia Pedrinho. — Quando recebi sua carta contando que Emília falava, não quis acreditar. Mas hoje vejo que fala e fala muito bem. É espantoso !

— No começo — explicou Narizinho — Emília falava muito atrapalhado e sem propósito. Agora já está melhor, mas, mesmo assim, quando dá para falar asneiras ou teimar, ninguém pode com a vidinha dela. Sabe que já é condessa?

— Sim? Condessa de quê?

— De Três Estrelinhas, nome que ela mesma escolheu. Mas estou com vontade de mudar. Condessa é pouco. Emília merece ser marquesa.

— Marquesa de Santos?

— Não. Marquesa de Rabicó.

— É verdade!... Podemos fazer de Rabicó um marquês e casar Emília com ele!

— Isso mesmo. Tenho pensado muito nesse arranjo e até já o propus à Emília.

— E ela aceitou?

— Emília é muito vaidosa e cheia de si. Mas eu sei lidar com ela. Quando chegar a ocasião darei um jeito.

Terminado o assunto Emília, começou o assunto Reino das Águas Claras. Narizinho contou a série inteira daquelas maravilhosas aventuras, despertando em Pedrinho um desejo louco de também conhecer o príncipe-rei. De nada se admirou, conforme o seu costume. Tanto ele como Narizinho achavam tudo tão natural! Só estranhou que o Pequeno Polegar tivesse fugido da sua historinha.

— Isso, sim, não deixa de me intrigar — disse ele. — Se Polegar fugiu é que a história está embolorada. Se a história está embolorada, temos de botá-la fora e compor outra. Há muito tempo que ando com esta idéia — fazer todos os personagens fugirem das velhas histórias para virem aqui combinar conosco outras aventuras. Que lindo, não?

— Nem fale, Pedrinho! — exclamou a menina pensativa. — O que eu não daria para brincar neste sítio com a menina da Capinha Vermelha ou Branca de Neve...

— Eu só queria pilhar cá o Aladino da lâmpada maravilhosa, para tirar a prosa dele! — juntou Pedrinho que voltara da cidade com fumaças de valentia.

— E eu só queria Capinha. Tenho tanta simpatia por essa menina... Aqueles bolos que ela costumava levar para a vovó que o lobo comeu — que vontade de comer um daqueles bolos...

Uma voz conhecida veio interrompê-los:

— Narizinho! Pedrinho! O café está na mesa.

— Duvido que fossem melhores que os de tia Nastácia! — disse o menino erguendo-se.

E dispararam para casa.

VI - A viagem

Deitaram-se bem tarde naquela noite. Tanta coisa tinha o menino a contar, coisas da casa da dona Antonica e da escola, que somente às onze horas foram para a cama. Que sono regalado! Isto é, regalado até uma certa hora. Daí por diante houve coisa grossa.

Narizinho estava justamente no meio dum lindo sonho quando despertou de sobressalto, com umas pancadinhas de chicote na vidraça — *pen, pen, pen...* E logo em seguida ouviu a voz do marquês de Rabicó, que dizia:

— O sol não tarda, Narizinho. Pule da cama que são horas de partir.

Chegando à janela, viu o marquês montado num cavaleiro de pau à sua espera.

— E a condessa? Já está pronta? — perguntou a menina.

— A senhora condessa já está lá embaixo, corcoveando no cavalo Pampa.

— Pois então que me selem o pangaré. Em três tempos me visto.

Enquanto por ordem do marquês selavam o cavalo pangaré, a menina punha o seu vestido vermelho de bolso. Precisava de bolso para levar os bolinhos de tia Nastácia sobrados da véspera e também para trazer coisas do reino das Abelhas.

Porque era para o reino das Abelhas que eles iam, a convite da rainha. Reino das Abelhas ou das Vespas? Não havia certeza ainda.

Na véspera chegara um maribondo mensageiro com um convite assim:

*“Sua Majestade a Rainha das... dá a honra de convidar
você todos para uma visita ao seu reino.”*

Como o papelzinho estivesse rasgado num ponto, havia dúvida se o convite era da rainha das Vespas ou da rainha das Abelhas.

Narizinho respondeu ao convite por meio dum borboletograma.

Não sabem o que é? Invenção da Emília. Como não houvesse telégrafo para lá, a boneca teve a idéia de mandar a resposta escrita em asas de borboleta. Agarrou uma borboleta azul que ia passando e rabiscou-lhe na asa, com um espinho, o seguinte:

“Narizinho, a Condessa e o Marquês agradecem a honra do convite e prometem não faltar.”

— Por que não incluiu o nome de Pedrinho, Emília?

— perguntou a menina.

— Porque ele não é nobre — nem barão ainda é!... Pronto que foi o borboletograma, surgiu uma dificuldade. A quem endereçá-lo? À rainha das Vespas ou à das Abelhas?

— Já resolvo o caso — disse Emília, e soltou a borboleta com estas palavras: “Vá direitinha, hein? Nada de distrair-se com flores pelo caminho.”

— Ir para onde? — perguntou a borboleta.

— Para a casa de seu sogro, ouviu? Malcriada! Atrever-se a fazer perguntas a uma condessa!

— Mas... — ia dizendo humildemente a borboleta.

Emília, porém, interrompeu-a com um berro.

— Ponha-se daqui para fora! Não admito observações. Conheça o seu lugar, ouviu?

A borboleta lá se foi, amedrontada e desapontadíssima.

— Você parece louca, Emília! — observou Narizinho. — Como há de ela saber o endereço se você não deu endereço algum?

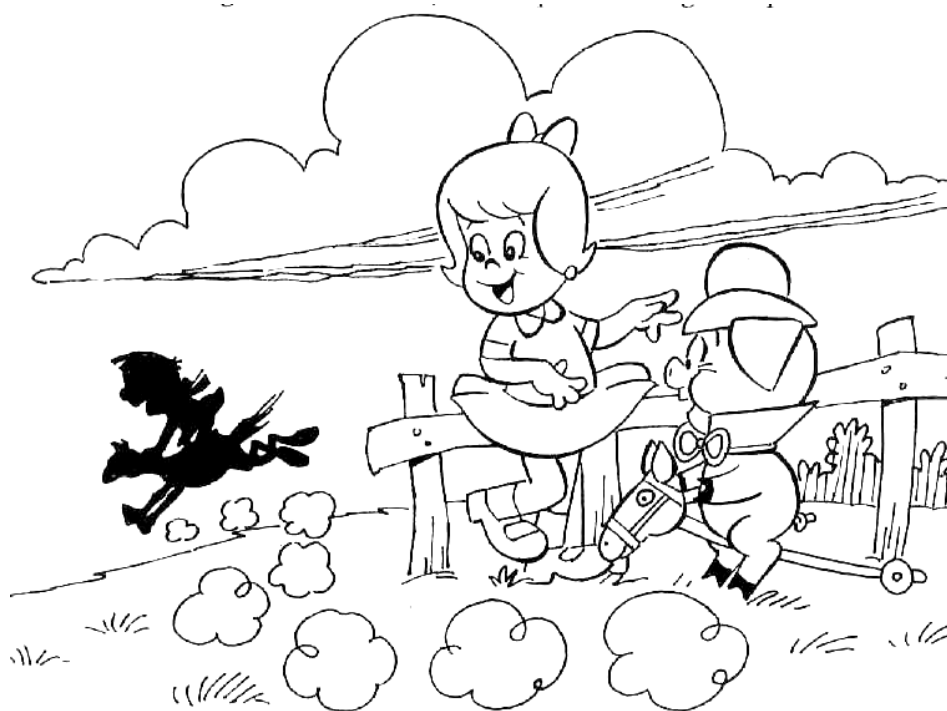
— Sabe, sim! — retorquiu a boneca. — São umas sabidíssimas as senhoras borboletas. Se sabem fabricar pó azul para as asas, que é coisa difícilima, como não hão de saber o endereço dum borboletograma?

Narizinho fez cara de quem diz: “Ninguém pode entender como funciona a cabeça da Emília! Ora raciocina muito bem, tal qual gente. Outras vezes, é assim — tão torto que deixa uma pessoa trapalhada...”

O cavalo pangaré veio, a menina montou e lá partiram todos pela estrada afora — *pac, pac, pac*... Em certo ponto Narizinho disse à boneca:

— Vamos apostar corrida? Emília aceitou, muito assanhada.

— Pois toque, então!



Emília — *lept, lept!* chicoteou o cavalinho pampa, disparando numa galopada louca. Narizinho, porém, não se moveu do lugar. O que queria era ficar só com o marquês de Rabicó para uma conversa reservada — o casamento dele com a condessa.

— Mas afinal de contas, marquês, quer ou não quer casar-se com a condessa?

— Já declarei que sim, isto é, que casarei, se o dote for bom. Se me derem, por exemplo, dois cargueiros de milho, casarei com quem quiserem — com a

cadeira, com o pote d'água, com a vassoura. Nunca fui exigente em matéria matrimonial.

— Guloso! Pois olhe que vai fazer um casamento! Emília é feia, não nego, mas muito boa dona de casa. Sabe fazer tudo, até fios de ovos, que é o doce mais difícil. Pena ser tão fraquinha...

— Fraca? — exclamou o marquês admirado. — Não me parece. Tão gorda que está...

— Engano seu. Emília, desde que caiu n'água e quase se afogou, parece ter ficado desarranjada do fígado. E aquela gordura não é banha, não, é macela! Emília o que está é estufada. Inda a semana passada tia Nastácia a recheou de mais macela.

O marquês pensou lá consigo: “Que pena não a ter recheado de fubá!” mas não teve coragem de o dizer em voz alta, limitando-se a exclamar:

— Pois pensei que fosse toucinho e do bom!...

— Que esperança! Toucinho do bom está aqui, disse a menina apalpando-lhe o lombo. — Dos tais que dão um torresminho delicioso! — e lambeu os beiços, já com água na boca. Felizmente o dia de Ano Bom está próximo!...

Dia de Ano Bom era dia de leitão assado no sítio, mas Rabicó não sabia disso.

— Dia de Ano Bom? — repetiu ele sem nada compreender.

— Que tem isso com o meu toucinho ?

— Nada! É cá uma coisa que sei e não é da sua conta — respondeu a menina piscando o olho.

E assim, nessa prosa, alcançaram a condessa, que estava lá adiante, furiosa com o logro.

— Não achei graça nenhuma! — foi dizendo Emília logo que a menina chegou. — Nem parece coisa duma princesa (Emília só a tratava de princesa nas brigas).

— Pois eu, Emília, estou achando uma graça extraordinária na sua zanguinha! Sua cara está que é ver aquele bule velho de chá, com esse bico...

Mais zangada ainda, Emília mostrou-lhe a língua e dando uma chicotada no cavallinho tocou para a frente, resmungando alto:

— Princesa!... Princesa que ainda toma palmadas de dona Benta e leva pitos da negra beçuda! E tira ouro do nariz... Antipatia!...

Calúnias puras. Narizinho nem tomava palmadas, nem levava pitos, nem tirava ouro do nariz. Emília, sim...

VII - O assalto

Nisto o mato farfalhou à beira da estrada. Os cavallinhos se assustaram e empinaram.

— A quadrilha Chupa-Ovo! — gritou Emília aterrorizada, erguendo os braços como no cinema. Narizinho também empalideceu e procurou instintivamente

agarrar-se ao marquês de Rabicó. Mas o marquês já havia pulado no chão e sumido...

— A bolsa ou a vida! — intimou o chefe da quadrilha apontando o trabuco.

Narizinho a tremer, olhou para ele e franziu a testa. “Eu conheço esta cara!” — pensou consigo. “É Tom Mix, o grande herói do cinema!... Mas quem havia de dizer que esse famoso *cowboy* tão simpático, havia de acabar assim, feito chefe duma quadrilha de lagartos?...”

— A bolsa ou a vida! — repetiu Tom Mix, carrancudo.

— Bolsa não temos, senhor Tom Mix — disse a menina — mas tenho aqui uns bolinhos muito gostosos. Aceita um?

O bandido tomou um bolo e provou.

— Não gosto de bolo amanhecido! — respondeu cusbindo de lado. Quero ouro de verdade!

Assim que ele falou em ouro, Narizinho teve uma idéia de gênio.

— Perfeitamente, senhor Tom Mix. Vou dar-lhe um montinho de ouro puro, do bem amarelo. Mas há de prometer-me uma porção de coisas...

— Prometo tudo quanto quiser — retrucou o bandido, já mais amável com a idéia do montinho de ouro.

— Então passe para cá o seu alforje e mais uma tesourinha.

Sem nada compreender daquilo, Tom Mix foi dando o que ela pedia. Narizinho, então, chamou Emília de parte e cochichou-lhe ao ouvido qualquer coisa. A boneca não gostou, pois bateu o pé, exclamando:

— Nunca! Antes morrer!...

Tanto Narizinho insistiu, porém, que Emília acabou cedendo, entre soluços e suspiros de desespero. Depois, erguendo a saia até os joelhos, espichou uma das pernas sobre o colo da menina. Esta, muito séria, como quem faz operação da mais alta importância, desfez-lhe a costura da barriga da perna e despejou toda a macela do recheio no alforje de Tom Mix. Em seguida ergueu-se e disse-lhe:

— Aqui tem o seu alforje cheio de ouro-macela!

— Muito bem — respondeu o bandido com os olhos a faiscarem de cobiça.

— A menina está agora livre e tem em mim de hoje em diante o mais dedicado servidor. Nos momentos de perigo basta gritar; “*Mix, Mix, Mix!*” que aparecerei incontinenti para salvá-la.

Cumprimentou-a com o chapelão de abas largas e retirou-se, seguido dos seus lagartos.

Ao vê-los sumirem-se ao longe, Narizinho criou alma nova.

— Ufa! — exclamou. — Escapamos de boa! Continuemos a nossa viagem, Emília — e tratou de montar novamente. Um, dois, três — upa! Montou. Emília também — um, dois, três... e nada! Não conseguiu montar.

— Ai! — gemeu sacudindo a perninha saqueada. — Não posso andar, nem montar com esta perna vazia!...

Apesar do triste da situação, Narizinho espremeu uma risadinha.

— Malvada! — exclamou Emília chorosa. — Salvei-a da morte à custa da minha pobre perna e em paga você ri-se de mim...

— Perdoe, Emília! Reconheço que me salvou, mas se soubesse como está cômica com essa perna vazia... O melhor é vir comigo na garupa do pangaré, bem agarradinha. Dê cá a mão. Upa!

Com alguma dificuldade conseguiu acomodá-la na garupa do cavaleiro, recomendando-lhe que se segurasse muito bem, pois tinha de ir a galope.

— Sossegue, Narizinho, que daqui nem torquês me arranca! — respondeu Emília. A menina estalou o chicote e o pangaré partiu na galopada erguendo nuvens de pó — *pá-lá-lá, pá-lá-lá!* De repente:

— Que fim levou o marquês? — interrogou Emília olhando para trás.

Narizinho deteve o cavalo.

— É verdade!... Aquele poltrão comportou-se de tal maneira que a coisa não pode ficar assim. Hei de vingar-me — e é já, quer ver?

Voltando-se para o mato gritou: “Mix, Mix, Mix!”

Imediatamente Tom Mix surgiu diante dela.

— Amigo Tom Mix — disse Narizinho — fui covardemente traída pelo senhor marquês de Rabicó, um poltrão que ao ver-nos em perigo só cuidou de si, fugindo com quantas pernas tinha. Quero ser vingada sem demora, está entendendo?

— Sereis vingada, ó gentil princesa! — disse Tom Mix estendendo a mão como quem faz um juramento. — Mas de que forma quereis ser vingada, ó gentil princesa?

Narizinho respondeu depois de pensar alguns instantes :

— Minha vingança tem de ser esta: quero amanhã ao almoço comer virado de feijão com torresmo, mas torresmo de marquês, está ouvindo?

— Vossa vontade será satisfeita, ó gentil princesa! — disse o bandido, curvando-se com a mão no peito e desaparecendo.

— Coitado do Rabicó! — exclamou Emília compungida.

— Coitado nada! Rabicó precisa levar uma boa esfrega. Dou-lhe uma lição que vai servir para toda a vida. Nunca mais cairá noutra...

VIII - Tom Mix

Assim que deixou a menina, Tom Mix voltou ao lugar do assalto, a fim de orientar-se na pista de Rabicó. Descobriu logo os rastros dele na terra úmida e os foi seguindo até à floresta. Lá se guiou pelas ervinhas amassadas e outros sinais que na fuga ele fora deixando. E andou, andou, andou até que de repente ouviu um ruído suspeito.

— É ele! — pensou Tom Mix agachando-se — e, pé ante pé, sem fazer o menor barulhinho, aproximou-se do lugar donde partia o ruído suspeito. Espiou. Lá estava o marquês, rom, rom, rom, de cabeça enfiada dentro duma abóbora muito grande, tão entretido em devorá-la que não deu pela presença do terrível vingador.

Tom Mix foi chegando, foi chegando e, de repente...

— Nhoc! — agarrou o marquês por uma perna.

— Coin! coin! coin! — grunhiu o ilustre fidalgo.

— Peço perdão a Vossa Excelência — disse Tom Mix com ironia — mas estou cumprindo ordens da senhora princesa do Narizinho Arrebitado.

— Que é que Narizinho quer de mim ? — gemeu Rabicó desconfiado.

— Pouca coisa — respondeu o vingador. — Apenas uns torresminhos para enfeitar um tutu de feijão amanhã...

— Coin! coin! coin! — gemeu o marquês compreendendo tudo.

E foi com bagas de suor frio no focinho que implorou: “Tenha dó de mim, senhor bandido! Tenha piedade de mim, que lhe darei esta abóbora e ainda outra maior que escondi lá adiante...”

Tom Mix parece que não gostava de abóbora. Limitou-se a puxar pela faca e a passá-la sobre o couro da bota, como que a afiando. Percebendo que estava perdido, Rabicó teve uma idéia.

— Senhor bandido, poderá prestar-me um obséquio?

— Diga o que é — respondeu Tom Mix calmamente, sempre a afiar a faca.

— Quero que me conceda cinco minutos de vida. Preciso fazer o testamento e confiar minhas últimas palavras a essa libelinha que vai passando.

Tom Mix concedeu-lhe os cinco minutos. Rabicó chamou a libelinha.

— Amiga, darei a você um lindo lago azul onde possa voar a vida inteira, se me fizer um pequeno favor.

— Diga o que é — respondeu a libelinha, vindo pousar diante dele.

— É levar uma carta à princesa Narizinho, que deve estar no reino das Abelhas.

— Com muito prazer.

Rabicó fez a carta depressa e entregou-lha. A libelinha tomou-a no ferrão e zzzit! lá se foi, veloz como o pensamento. Mal a viu partir, deu Rabicó um suspiro de alívio, murmurando em voz alta:

“Coragem, Rabicó, teu dia não chegará tão cedo!”

— Que é que está grunhindo aí, senhor marquês? — perguntou o carrasco.

Rabicó disfarçou.

— Estou pensando na sua valentia, senhor Tom Mix. Está assim prosa porque deu comigo, que sou um pobre coitadinho. Queria ver a sua cara, se Lampião aparecesse por aqui com os seus cinqüenta cangaceiros!

— Lá tenho medo de lampiões ou lamparinas? O marquês não me conhece. Diga-me: costuma ir ao cinema?

— Nunca. Mas sei o que é.

— Se não conhece o cinema, não pode fazer idéia do meu formidável heroísmo! Não há uma só fita em que eu seja derrotado, seja lá por quem for. Venço sempre ! Sou um danado!...

Rabicó olhou-o com o rabo dos olhos, pensando lá consigo:

“Grandíssimo fiteiro é o que você é.” Pensou só, nada disse. Aquela faca embargava-lhe a voz...

IX - As muletas do besouro

Enquanto Rabicó suava o suor da morte nas unhas de Tom Mix, Narizinho e Emília chegavam ao palácio das Colméias, donde vários zangõess saíram a recebê-las com gentis rapapés.

— Salve, princesinha do Narizinho Arrebitado! — exclamaram eles, curvando-se.

— Obrigada! — respondeu a menina, dando-lhes a mão a beijar. — Recebi um convite da rainha, mas estou na dúvida se foi da rainha das Abelhas ou da rainha das Vespas. Portei aqui para saber...

— O convite foi da rainha das Abelhas — declarou um dos zangõess. Fui eu mesmo quem o redigiu. A rainha das Vespas anda furiosa com a menina por ter matado uma das suas súditas.

— Vê, Emília, de que escapamos? — cochichou Narizinho. Se tivéssemos errado o caminho e ido parar na terra das Vespas, com certeza nas matavam a ferroadas... E voltando-se para os zangõess:

— Permitam-me, senhores que vos apresente a senhora condessa de Três Estrelinhas. Esta ilustre dama foi vítima dum desastre no caminho e não consegue andar sem encosto. Poderá algum dos senhores arranjar-lhe um par de muletas?

— Podemos, sim, mas antes deverá consultar o grande médico que por acaso se acha aqui, vindo do reino das Águas Claras.

— O doutor Caramujo está aqui? — exclamou a menina muito alegre. — Conheço-o muito! Chamem-no depressa.

Os zangõess partiram rápidos, regressando instantes depois em companhia do doutor Caramujo, o qual, reconhecendo a menina e a boneca, saudou-as respeitosamente.

Depois arrumou os óculos para examinar a perna de Emília.

— É grave! — exclamou. — A senhora condessa está sofrendo duma anemia macelar no pernil barrigóide esquerdo. Caso muito sério.

— E que receita, doutor? Pílula de sapo outra vez? — indagou a menina.

— Esta doença — explicou o grande médico — só pode sarar com um regime de superalimentação local.

— Alimentação macelar, eu sei — disse a menina rindo-se da ciência do doutor. — Tia Nastácia sabe aplicar esse remédio muito bem.

Em dois minutos, com um bocado de macela e uma agulha com linha ela cura Emília para o resto da vida.

— Tia Nastácia! — exclamou o médico scandalizado. — Com certeza é alguma curandeira vulgar! Macela! Alguma mezinha vulgar também! Oh, santa ignorância! Admira-me ver uma princesa tão ilustre desprezar assim a ciência de um verdadeiro discípulo de Hipócrates e entregar a condessa aos cuidados duma reles curandeira!...

— Reles curandeira? — exclamou a menina indignada. — Chama então Nastácia de reles curandeira? Se tem algum amor à casca, retire-se, senhor cascudo,

antes que eu faça o que fiz para a tal dona Carochinha. Reles curandeira! Já viu Emília, um desaforo maior?

O doutor Caramujo meteu o rabo entre as pernas e sumiu-se.

Narizinho estava ainda a comentar o desaforo quando os zangõess que tinham saído em procura das muletas apareceram.

— Aqui no palácio não há muletas, senhora princesa, mas aí fora costuma andar um besouro manco que possui duas. Quer ir até lá conosco ?

Narizinho foi. Três esquinas adiante encontraram o besouro mendigo, de chapéu na mão à espera de esmolas.

A menina já lhe ia oferecendo um pedacinho de bolo quando o mendigo perguntou:

— Não me reconhece mais?

A menina encarou-o com olhos atentos.

— Sim!... Estou reconhecendo!... Não foi você que lá na beira do ribeirão esteve passeando pela minha cara e me arrancou um feixinho de fios da sobancelha?

— Isso mesmo! — confirmou o besouro. — Por sinal que por causa daquele espirro levei um tombo de mau jeito e fiquei aleijado para o resto da vida.

Pesarosa da sua desgraça, Narizinho pô-lo no bolso, dizendo:

— Fique quietinho aí e divirta-se com esses bolos. Vou levá-lo para o sítio de vovó, onde poderá viver uma vida sossegada sem ser preciso tirar esmolas.

Depois, tomando suas muletinhas, deu-as à boneca.

— Arrume-se nisso depressa, senhora condessa da Perna Vazia, que a hora da audiência está próxima.

E, precedidas pelos zangõess, as duas de novo entraram no palácio.

X - Saudades

Já estava cheio o palácio, não só de personagens do reino das Abelhas como de muitos outros reinos, inclusive o das Águas Claras.

Narizinho correu os olhos em procura dalgum conhecido. Viu logo o Major Agarra.

— Viva, Major! — exclamou, dirigindo-se a ele alegremente. — Como vão todos por lá?

Antes de dar notícias, o sapo demonstrou mais uma vez a sua gratidão pelo que a menina lhe havia feito, desculpando-se também de não ter aparecido no sítio de dona Benta, como prometera. Depois contou que o príncipe andava cada vez mais taciturno.

— Não se casou ainda?

— Nem casa. Tem recusado a mão das mais belas princesas do reino. Todos dizem que ele sofre de paixão recolhida. Ama alguém que não faz caso dele, é isso.

O coração da menina palpitou mais apressado.

— Não dizem por lá quem é essa que ele ama?

— Dona Aranha Costureira sabe quem é, mas guarda muito bem guardado o segredo. É uma senhora muito discreta.

— E o bobinho da corte, aquele tal gigante Fura-Bolos?

— Nunca mais foi visto. Com certeza teve o mesmo fim do Carlito Pirulito...

Narizinho refletiu uns instantes. Depois:

— Olhe, não se esqueça, quando voltar, de dizer ao príncipe que me viu aqui e que vou bem, obrigada. Diga-lhe também que qualquer dia receberá um convite para vir com toda a sua corte passar umas horas comigo no sítio de vovó, sim?

O Major prometeu não se esquecer do recado. E ia dizer mais alguma coisa, quando a entrada duma libelinha mensageira o interrompeu.

— Salve, princesa! — exclamou ela.

— Viva! — correspondeu a menina franzindo os sobrolhos.

— Traz alguma mensagem para mim?

— Trago uma carta dum ilustre marquês. Ei-la.

Narizinho tomou a carta e leu:

Pesso-vos-lhe perdão da minha covardia. Tom Mix stá aqui amolando a fhaça pra me matar. Tenha ddó deste infeliz, que se assina, com perdão da palavra, criado brigado

RABICO.

— O estilo, a letra, a ortografia e a gramática é tudo dele! Este bilhete corresponde a um perfeito retrato de Rabicó — ou Rabico, sem acento, como ele assina. Grandíssimo patife!

E voltando-se para a libelinha:

— Onde está ele?

— No capoeirão dos Tucanos Vermelhos, lá na terra dos lagartões. Prometeu-me um lindo lago azul em paga do meu trabalho de trazer esta carta.

Narizinho não pôde deixar de sorrir, pensando lá consigo: “Sempre o mesmo! Onde Rabicó já viu lago azul?” Mas não quis desiludir a mensageira, visto precisar dos seus serviços para a resposta. Rabiscou um bilhetinho a galope.

— Leve este bilhete a Tom Mix, mas depressa hein? E quando quiser aparecer lá pelo sítio de vovó, não faça cerimônia, ouviu? Vá, vá!...

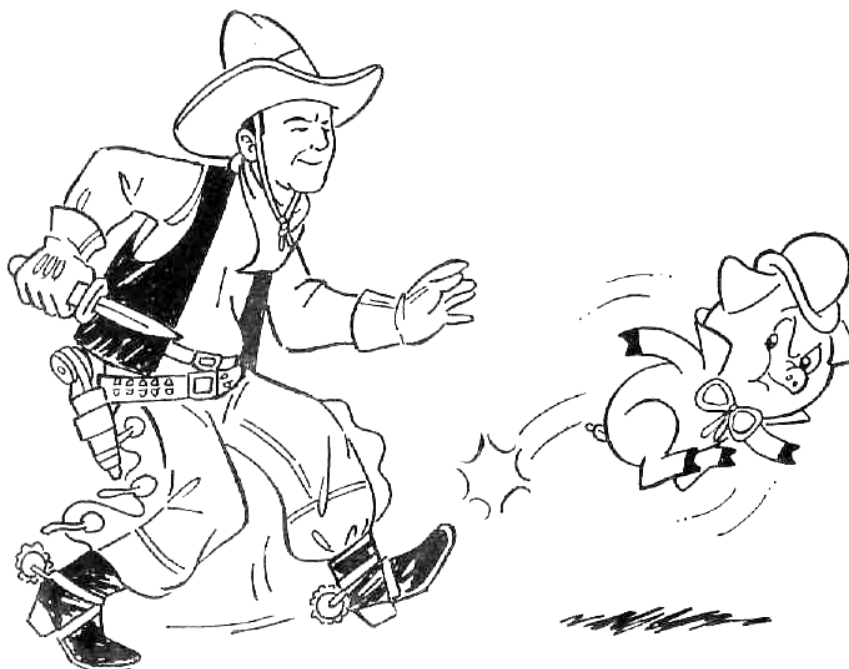
A libelinha vibrou as asas e *zuct!* desapareceu. Voou rápida como o pensamento. Chegou ao capoeirão dos Tucanos Vermelhos no instante em que os cinco minutos concedidos a Rabicó iam chegando ao fim e o carrasco lhe dizia, erguendo a faca:

— Está findo o prazo. Chegou a sua hora, marquês!

Mas Tom Mix teve de interromper o serviço. A libelinha sentara-se justamente na ponta do seu nariz, com o bilhete no ferrão.

Percebendo-o, Tom Mix tomou o bilhete e leu. Era ordem de perdão a Rabicó.

— Tem muita sorte o senhor marquês! — disse ele, enfiando a faca na bainha. — A princesa perdoa o seu crime e comuta a pena de morte nesta outra mais leve — e pregou-lhe um formidável pontapé.



— Uf! — exclamou Rábico depois que se viu livre do perigo. — Escapei de boa! Pontapé dum bruto destes não é nada agradável, mas mesmo assim deve ser mil vezes preferível às suas facadas...

Depois indagou, voltando-se para a mensageira:

— Onde está a princesa?

— No reino das Abelhas.

— E a condessa?

— Também lá, num canto, muito jururu nas suas muletas.

— Muletas? — repetiu Rábico sem nada compreender. — Será que caiu do cavalo?

— Não sei, não tive tempo de indagar.

Rábico permaneceu pensativo por alguns instantes. Depois disse:

— Está direito. Pode ir. Passe bem, muito obrigado.

A mensageira franziu o nariz.

— E o meu lago azul?

Rábico, que tinha muito má memória para as suas promessas, fez cara de surpresa.

— Lago? Que lago?

— O lago azul que me prometeu em troca de levar a carta...

— Ah, sim... Mas menina, para que quer você um lago e logo um lago azul? Eu prometi um lago, é verdade, mas refletindo melhor vi que é um presente muito

perigoso, pois você pode vir a morrer afogada. Em vista disso achei melhor substituir esse lago por esta sementinha de abóbora. Tome!

A libelinha ficou furiosa.

— Muito agradecida, senhor. Trato é trato. Faço questão do meu lago azul!

O marquês coçou a cabeça, embaraçado, lançando olhares gulosos para a abóbora que estivera comendo quando Tom Mix apareceu.

— Vamos deixar o caso para ser decidido amanhã — disse por fim. Agora não posso; tenho muito serviço. Imagine que Tom Mix me condenou a comer esta abóbora inteirinha — a mim, um marquês que está acostumado a só comer bombons e presuntos...

XI - A rainha

Enquanto isso se passava no capoeirão dos Tucanos Vermelhos, lá no palácio das Abelhas a menina dizia ao ouvido da boneca:

— Já reparou, Emília, como é bem arrumado este reino? Uma verdadeira maravilha de ordem, economia e inteligência! Estive no quarto das crianças. Que gracinha! Cada qual no seu berço de cera, com pernas e braços cruzados, todas tão alvas, dormindo aquele sono gostoso... O que admiro é como as abelhas sabem aproveitar tudo de modo que a colméia funcione como se fosse um relógio. Ah, se no nosso reino também fosse assim... Aqui não há pobres nem ricos. Não se vê um aleijado, um cego, um tuberculoso. Todos trabalham, felizes e contentes.

— Isso não! — contestou a boneca. — O besouro é aleijado e pede esmolas.

— Besouro não é abelha, boba. Estou falando das abelhas.

— E quem manda aqui? Quem é o delegado? — perguntou Emília.

— Ninguém manda — e é isso o mais curioso. — Ninguém manda e todos obedecem.

— Não pode ser! — exclamou a boneca. — Quem manda há de ser a rainha. Vou perguntar. e chamou uma abelha que ia passando.

— Faça o favor, senhora abelhinha, de nos dar uma informação. Quem é, afinal de contas, que manda neste reino? A rainha?”

— Não senhora! — respondeu a abelha. — Nós não temos governo, porque não precisamos de governo. Cada qual nasce com o governo dentro de si, sabendo perfeitamente o que deve e o que não deve fazer. Nesse ponto somos perfeitas.

Narizinho ficou admirada daquelas idéias, e viu que era assim mesmo. “Que pena que também não seja assim na humanidade!”

— De manhã saímos todas — continuou a abelha — cada uma para o seu lado, a fim de recolher o mel das flores e o pólen. É disso que nos alimentamos. Depois guardamos o mel nos favos. Se há consertos a fazer, qualquer uma de nós os faz sem que seja preciso ordem. Se a menina passasse uns tempos aqui havia de gostar tanto que depois não mais se ajeitaria no reino dos homens.

— Mas a rainha? — perguntou a menina. — Estou cansada de esperar pela hora de conhecer essa grande dama. Deve ser linda, linda!...

A abelha continuou:

— Pensa que a nossa rainha é alguma dama emproada como as rainhas dos homens? Nada disso. Nem rainha é! Os homens é que lhe chamam assim. Para nós não passa de mãe. Todas somos filhinhas dela — todas, todas! E rodeamo-la de comodidades e carinhos, sem nunca lhe darmos o menor desgosto. Olhe, menina, lá no reino dos homens costumam falar muito em felicidade, mas fique certa de que felicidade só aqui. Cada uma de nós é feliz porque todas somos felizes. Lá não sei como pode alguém ser feliz sabendo que há tantos infelizes em redor de si!

Narizinho e Emília ficaram tristes. Que pena serem gente e não poderem transformar-se em abelhas para morar numa colméia daquelas, toda a vida ocupadas num trabalho tão lindo como esse de recolher o mel e o pólen das flores...

— Mas a rainha, a rainha! — insistiu a menina. — Quero ser apresentada à rainha!

— Pois vamos lá — respondeu a abelha. — Sigam-me.

Foram. Depois de atravessarem vários compartimentos, chegaram aos cômodos reais. Lá estava Sua Majestade num trono de cera, conversando com vários zangões emproados e orgulhosos (pelo menos assim pareceu à menina).

— Bem-vinda seja! — saudou a rainha numa doce voz maternal. — Tem gostado da nossa colméia?

— Muito, Majestade! É o reino mais bem arrumadinho de quantos vi até agora. Estou positivamente encantada!

— O meu reino é assim — explicou a rainha — porque não é reino nenhum, mas uma grande família onde a boa mãe geral vive rodeada de todos os seus filhos. Já percorreu a colméia inteira?

— Já vi parte e tenho gostado de tudo, menos da cara desses senhores zangões, que me parecem emproados e orgulhosos...

— É que estão a me fazer a corte. Todos os anos escolho um dentre eles para marido, e os outros...

— Já sei! Os outros casam-se com as outras abelhas. A rainha sorriu.

— Não, menina! Os outros são condenados à morte e executados...

— Quê? — exclamou Narizinho horrorizada. — Acho que isso constitui uma crueldade, verdadeira mancha negra na organização das abelhas.

— Parece, menina. Mas é o jeito. Como não sabem trabalhar e a natureza os fez unicamente para serem esposos da rainha, as abelhas não têm a menor consideração com eles depois que a rainha elege um para esposo. Trucidam-nos e lançam os cadáveres para fora da colméia. Estas minhas filhas acham que o sentimentalismo não dá bom resultado em matéria de organização social.

Narizinho, cada vez mais admirada da inteligência da rainha, murmurou ao ouvido da boneca: “Vê, Emília? Isto é que é falar bem! Até parece aquele filósofo que vovó às vezes lê, o tal Rou... Rousseau, creio.”

Nisto um trrrriin, trrrriin, de esporas ressoou perto. Voltaram-se todos. Era Tom Mix que entrava. O cowboy correu os olhos pela sala. Logo que deu com a menina, dirigiu-se para ela.

— Recebi o recado, princesa, e aqui estou às vossas ordens!

— Que fim levou o marquês? — perguntou a menina com ansiedade, pois nada sabia do que se passara. — Está vivo ainda ou...

— Vivíssimo, senhora princesa! A estas horas já deve de estar atacando a segunda abóbora...

— Muito bem! — exclamou Narizinho, aliviada dum grande peso. — Quero agora, senhor Tom Mix, que me arranje uns burrinhos de carga para levar um pouco de mel e cera para vovó.

Tom Mix retirou-se para cumprir a ordem, enquanto a menina se dirigia de novo à rainha.

— Senhora rainha, poderá Vossa Majestade dar ordem à sua cozinheira para me oferecer um tostão de mel?

— Darei o mel e a cera que quiser — respondeu a rainha sorrindo; — quanto ao tostão, guarde-o para você, que aqui entre nós não tem o menor valor o dinheiro dos homens. Ali, naquela sala dos favos, é o depósito de mel. Vá lá e tire quanto quiser.

A menina agradeceu a gentileza e retirou-se para a tal sala com a boneca.

Tudo tão bem arrumado! Potinhos de cera cheios de mel em quantidade, todos iguais, com tampinhas também de cera.

— Querem mel? — perguntou logo uma abelha de avental muito limpa que tomava conta daquela repartição.

— Queremos, sim, senhora! Mel e cera.

— De que qualidade?

— Há de muitas qualidades?

— Temos aqui mel de flores de laranjeira, mel de flores de jabuticabeira lá do sítio de dona Benta e temos o mel mil-flores, colhido de todas as flores do campo.

— Dê-me de flores de jabuticabeira — resolveu logo Narizinho.

— E também um quilinho de cera bem branca, para tia Nastácia.

— Quem leva é aqui a sua criada? — perguntou a abelha indicando a boneca, enquanto fazia os pacotes.

Emília abespinhou-se toda, já vermelhinha de cólera. Mas a menina salvou a situação.

— Esta senhora não é minha criada e sim a Excelentíssima Senhora Condessa da Perna Vazia, futura Marquesa de Rabicó.

A abelhinha pediu mil desculpas, e ainda estava pedindo desculpas quando a entrada de Tom Mix à frente duma tropa de grilos arreados de cangalhas e ancorotes próprios para conduzir mel a interrompeu. Tom descarregou os ancorotes e esperou que a abelha meleira os enchesse. Depois os colocou de novo sobre as cangalhas e pediu instruções.

— Espere-me no portão do palácio com os cavalinhos prontos que também já vamos — ordenou-lhe a menina.

XII - A volta

Estavam todos prontos para a volta, exceto Emília. Narizinho refletia sobre o seu caso. Por fim pediu a opinião de Tom Mix sobre o melhor meio de a levar.

-Acho que temos de pôr a senhora condessa dentro dum dos ancorotes de mel.

— Que disparate, Tom! Emília ficaria toda melada !...

— Sim, mas há um vazio — respondeu ele. — Creio que ali irá mais comodamente do que na garupa do cavalinho pangaré.

Emília fez cara feia e protestou. O meio de sossegá-la foi permitir-lhe seguir na frente do bando, para que pudesse “ir vendo as coisas antes dos outros”. Estava nascendo nela aquele espírito interesseiro que a ia tornar célebre nos anais da ciganagem.

Puseram-se em marcha. Meia légua adiante Emília pôs-se de pé dentro do barrilzinho e gritou:

— Estou vendo uma coisa esquisita lá na frente! Um monstro com cabeça de porco e “peses” de tartaruga!

Todos olharam, verificando que Emília tinha razão. Era um monstro dos mais estranhos que possa alguém imaginar. Tom Mix puxou da faca e avançou, dizendo a Narizinho que não se mexesse dali. Chegando mais perto percebeu o que era.

— Não é monstro nenhum, princesa! Trata-se do senhor marquês montado num pobre jabuti! Vem metendo o chicote no coitado, sem dó nem piedade.

E assim era. Rabicó dava de rijo no pobre jabuti e ainda por cima o descompunha.

— Caminha, estupor! Caminha depressa, se não te pico de espora até a alma! — gritava ele.

Narizinho ficou indignada com aquilo. Era demais! Vendo-a assim, Tom Mix puxou do revólver e disse:

— Se quer, apeio aquele maroto com uma bala!

— Não é necessário — respondeu ela. — Eu mesma lhe darei uma boa lição. Deixe o caso comigo.

Nisto o marquês alcançou o grupo, e já estava armando cara alegre de sem-vergonha, quando a menina o encarou, de carranca fechada.

— Desça já do pobre jabuti, seu grandíssimo...

Muito espantado daquela recepção, Rabicó foi descendo, todo encolhido.

— E para castigo — continuou a Menina — quem agora vai montar é o senhor jabuti. Vamos, senhor jabuti! Arreie o marquês e monte e meta-lhe a espora sem dó!

O jabuti assim fez, e sossegadamente, porque jabuti não se apressa em caso nenhum, botou os arreios no leitão, apertou o mais que pôde a barrigueira, montou muito devagar e lept! lept! fincou-lhe o chicote como quem surra burro bravo.

— Coin! coin! coin! — berrava o pobre marquês.

— Espora nele, jabuti! — gritava a boneca. — Espora nesse guloso que me comeu os croquetes!

— E também uma boas lambadas por minha conta! — murmurou uma voz fina no ar.

Todos ergueram os olhos. Era a libelinha enganada, que ia passando, veloz como um relâmpago.

O caso foi que naquele dia Rabicó perdeu pelo menos um quilo de peso e pagou pelo menos metade dos seus pecados...

Depois desse incidente puseram-se de novo em marcha, só parando numa figueira de boa sombra, já pertinho do sítio.

— Ponto de almoço! — gritou Narizinho, que estava com uma fome tirana. Desde que saíra de casa só comera os bolinhos trazidos.

Aparearam-se. Estenderam no chão uma toalhinha. Tom Mix abriu dois barriletes de mel. Narizinho remexeu no bolso a ver se ainda encontrava algum pedaço de bolo. Não encontrou nem o besouro. Tinha fugido, o ingrato! Puseram-se a manducar mel puro, único alimento que havia.

No melhor da festa — tzzsiu! um passarinho cantou na árvore próxima. A menina ergueu os olhos: era um tiziu.

— Emília — disse ela intrigada — não acha aquele tiziu com um certo ar de Pedrinho?

— Muito! E querem ver que é ele mesmo?

— Pedrinho! Pedrinho! Venha cá, Pedrinho! — gritou a menina, aflita.

O tiziu desceu da árvore, vindo pousar em seu ombro.

— Então que é isso, Pedrinho? Deixo você em casa feito gente e o venho encontrar virado em ave!...

— Assim é — disse ele. — Todos viramos aves lá em casa.

— Como? Explique isso! — gritou Narizinho ansiosa.

— Pois apareceu por lá uma velha coroca, de porrete na mão e cesta no braço. “Menino”, disse-me ela, “é aqui a casa onde moram duas velhas dugudéias em companhia duma menina de nariz arrebitado, muito malcriada?” Furioso com a pergunta, respondi: “Não é da sua conta. Siga seu caminho que é o melhor”. “Ah, é assim”? exclamou ela. “Espere que te curo”! E virou a mim em passarinho, virou vovó em tartaruga e tia Nastácia em galinha preta...

— Que horror! — foi o grito que escapou de Narizinho. — Que vai ser de nós agora? Já sei quem é essa velha! Não pode ser outra! Bem ela me disse que havia de vingar-se...

— Que foi que aconteceu, princesa? — indagou Tom Mix, já de mão no revólver.

— Não sei, Tom, se desta vez nos poderá valer! Você é invencível, mas só de igual para igual. Contra uma bruxa feiticeira, não sei... não sei... e contou o que havia acontecido.

— Deixe tudo por minha conta, princesa, e não duvide da minha arte de resolver situações complicadas. Siga viagem que eu vou dar volta pelos arredores a fim de apanhar essa velha. Juro que hei de trazê-la bem segura, para que desfaça o mal que fez...

— Os anjos digam amém! — suspirou Narizinho mais animada. E dando rédeas ao cavalo pangaré tocou para o sítio com o tiziu ainda pousado no ombro.

Que tristeza! Mal Narizinho apeou no terreiro e já ouviu uma galinha cacarejar lá dentro.

— É tia Nastácia, coitada! — suspirou com o coração apertado.

Entrou. Na sala de jantar viu sentada na rede, costurando, uma tartaruga de óculos.

— Vovó! — gritou a menina com desespero. — Não me conhece mais vovó?

A tartaruga, quieta, quieta...

— Veja, Emília, que desgraça! — gritou Narizinho em lágrimas.

Vovó é aquele bicho cascudo que está na rede! Nastácia é aquela horrenda galinha preta que mais parece urubu...

Emília olhou, olhou e também rompeu em choro, abraçando-se com a menina.

— A única esperança que nos resta é Tom Mix — disse Narizinho. — Mas este caso é tão estranho que receio que nem ele possa nos salvar...

Passaram-se dois dias. Narizinho, inconsolável, não podia conformar-se com a idéia da sua querida avó tartarugando na rede, nem de tia Nastácia volta e meia botando um ovo na cozinha.

— Sossegue, Narizinho. Tom Mix é um danado. De repente reaparece e conserta tudo, como no cinema — dizia a boneca para a consolar.

— Mas está demorando tanto, Emília!...

— Dois dias só. Você sabe que a conta para tudo é três...

Chegou afinal o terceiro dia. As duas amiguinhas, postadas à janela desde cedo, espiavam os horizontes, ansiosas. Nem uma poeira se erguia! Narizinho suspirou.

— Qual, Emília! Está tudo perdido... Se a velha tem o poder de virar os outros em bicho, também pode virar-se a si própria em pedra, árvore, tronco seco — e como há de Tom Mix saber?

— Paciência, Narizinho! Vai ver que de repente ele brota por aí com a velha na ponta da faca...

Palavras não eram ditas e um cachorrinho latiu no terreiro.

— Deve ser ele! — gritou Emília correndo para a porta.

E era mesmo. Era Tom Mix que voltava com dois revólveres apontando e a velha à frente, de braços erguidos.

— É agora! — berrou o cowboy no ouvido da bruxa. — Vais desfazer o mal que fizeste, se não te como os figados, já neste momento...

Horrorizada com a feiúra da velha, Narizinho fechou os olhos.

Depois criou coragem e os foi abrindo devagarinho. E viu... sabem quem? Viu tia Nastácia a olhar para ela e a dizer:

— Acorde menina! Parece que está com pesadelo...

Narizinho sentou-se na cama, ainda tonta, esfregando os olhos.

— E vovó? — perguntou.

— Lá dentro, costurando.

— E Pedrinho?
— Fazendo uma arapuça no quintal.
— E... e Tom Mix?
— Deixe de bobagens e venha tomar o seu café que já está esfriando —
rematou tia Nastácia.

O AUTOR E SUA OBRA

A elegante bengala do pai fascinava o menino José Renato Monteiro Lobato. Mas como poderia usá-la se as iniciais eram JBML? E não havia jeito de apagá-las sem estragar a beleza de um objeto tão querido. Resolve, então, o dilema com uma solução simples e inventiva: passa a assinar-se José Bento Monteiro Lobato, nome que conservará até o fim.

Monteiro Lobato nasceu a 18 de abril de 1.882 nos arredores de Taubaté, numa chácara que era a residência da cidade de seu avô, o visconde de Tremembé. Duas coisas encantavam o menino: a vida ao ar livre com os brinquedos feitos de mamão verde, chuchus, etc, e a biblioteca de seu avô. Alfabetizado por sua mãe, teve depois um professor particular e, aos sete anos, entrou para um colégio de Taubaté.

Logo demonstra sua vocação: escreve crônicas, poemas, contos e também faz desenhos para o jornalzinho colegial “O Guarani”. Em 1.900, quando termina o secundário, Lobato quer desenvolver seu talento para o desenho na Escola de Belas-Artes. Mas o avô impõe uma carreira ao jovem de dezoito anos: o direito. Aos vinte e dois anos, já formado, vai para Areias, onde se casa. Para superar o tédio da cidade sem atrativos e parada no tempo, escreve artigos para jornais do vale do Paraíba.

Em 1.911, morre o visconde de Tremembé, e Monteiro Lobato herda suas terras. Entrega-se à modernização de sua fazenda, mas esbarra na velha estrutura rural do país. Abandonados, sem higiene e alimentação, sem nenhuma orientação que os torne produtivos, os caboclos continuam praticando as queimadas que aprenderam com os avós. Assim nasce o Jeca Tatu, célebre símbolo do caipira brasileiro. Mas Lobato adverte: “Jeca não é assim. Está assim”.

Volta-se com seu dinamismo para a atividade cultural e editorial. Compra a famosa “Revista do Brasil” e lança “Urupês” (1.918), reunião de contos regionalistas. Junto com “Cidades mortas” (1.919), “Negrinha” (1.920), “Onda verde” (1.921), “O choque das raças ou o presidente negro” (1.926), forma parte do conjunto de suas obras para adultos.

Depois do fracasso de sua primeira editora, funda a Companhia Editora Nacional (1.925). Sua última investida nesse campo será a fundação da Editora Brasiliense (1.945), com Caio Prado Jr. e Artur Neves. Outra de suas grandes lutas consiste na campanha pela exploração do ferro (para fabricar máquinas) e petróleo (para movê-las). O Brasil possui esses dois elementos: por que os brasileiros não os exploram e combatem os interesses estrangeiros? A campanha nacionalista de Lobato, apesar dos desgostos, divergências com soluções adotadas e até da prisão por seis meses, em 1.941, daria frutos positivos.

Mas voltemos no tempo: em 1.920, Lobato elabora o conto infantil “A história do peixinho que morreu afogado”. Resolve ampliá-lo e introduz cenas de sua infância, publicando-o em 1.921 com o nome de “Narizinho arrebitado”. É o ponto

de partida para a criação de uma série de aventuras no Sítio do Pica-Pau Amarelo, onde fica o Reino das Águas Claras.

Entre seus felizes habitantes, estão Emília, a boneca de pano que diz tudo o que lhe passa na cabeça; o Visconde de Sabugosa, o sábio de espiga de milho; Pedrinho e Narizinho, eternas crianças sempre abertas a tudo; Dona Benta, avó dos meninos, contadora de histórias que aceita a imaginação das crianças e admite as novidades que mudam o mundo; Nastácia, a empregada que fez Emília, suas crendices e seus quitutes.

Nesse mundo, um pozinho mágico (pirilimpimpim) rompe os limites do espaço e do tempo, levando suas personagens a viverem as mais incríveis façanhas. Essas maravilhas narrativas, às quais não falta a preocupação de informar e educar, têm encantado gerações e gerações de crianças brasileiras. Recentemente, sua obra foi transformada numa série de televisão, “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, mas nada substitui o prazer e o estímulo à imaginação originados da leitura da obra infantil de Monteiro Lobato.

Depois da eleição do marechal Dutra para a presidência da República, o escritor, desiludido, resolve exilar-se voluntariamente na Argentina, onde funda a Editorial Acteón. Publicadas em espanhol, suas obras conhecem o mesmo sucesso que haviam conquistado no Brasil. Em 1.947, volta à pátria e morre no dia 4 de julho de 1.948, após ter sofrido um espasmo vascular.

Sua obra original para crianças e jovens consiste em: “Reinações de Narizinho”, “Viagem ao céu”, “O saci”, “Caçadas de Pedrinho”, “Hans Staden”, “História do mundo para as crianças”, “Memórias da Emília”, “Peter Pan”, “Emília no País da Gramática”, “Aritmética da Emília”, “Geografia de Dona Benta”, “História das invenções”, “Serões de Dona Benta”, “Dom Quixote das crianças”, “O poço do Visconde”, “Histórias de Tia Nastácia”, “O Pica-Pau Amarelo”, “A reforma da natureza”, “O Minotauro”, “A chave do tamanho”, “Fábulas”, “Histórias diversas”, “Os doze trabalhos de Hércules”.